

Jornal de Letras

Opiniões
Depoimentos
Novos Lançamentos
Entrevista
Literatura Infantil

Número: **297**

Mês: Novembro

Ano: 2023

Preço: R\$ 5,00

Nova Babel (In)finita de Gilberto Schwartzmann na ABL

Uma viagem pela história da literatura Ocidental está disponível ao público que for visitar a Casa de Machado, até o final de janeiro de 2024. Trata-se da exposição Nova Babel (In)finita, com uma incrível seleção de obras do acervo do bibliófilo, médico oncologista e escritor gaúcho Gilberto Schwartzmann, cuja mostra com mais de 300 peças chegou à Academia Brasileira de Letras. *(Por Manoela Ferrari – pág. 10 e 11)*



ACESSE:
www.jornaldeletras.com.br

Foi uma grande novidade a eleição do líder indígena Airton Krenak para a Academia Brasileira de Letras (ABL), com expressivos 23 votos. É a primeira vez que um líder indígena tem esse privilégio. A eleição significou a adesão da ABL ao conceito de diversidade cultural, mantendo o equilíbrio na composição dos quadros da Casa de Machado de Assis. Certamente em sua posse, provavelmente no início do ano próximo, haverá enorme festança no centro da cidade do Rio de Janeiro, para comemorar esse feito inusitado. Enquanto isso, a ABL segue em suas atividades culturais rotineiras, com a exposição agora de inéditos pertencentes do colecionador Gilberto Schwartsmann. Também um sucesso!

O Editor.

Foto: Michael Félix



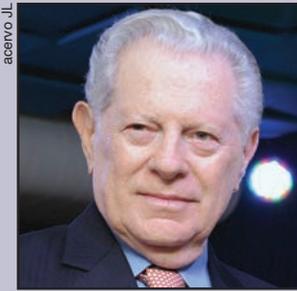
Dr. Gilberto Schwartsmann e o acadêmico Arnaldo Niskier na exposição Nova Babel (In)finalita da Academia Brasileira de Letras.

Expediente

Diretor responsável: Arnaldo Niskier
Editadora-adjunta: Beth Almeida
Colaboradora: Manoela Ferrari

Secretária executiva: Andréia N. Ghelman
Redação: R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: institutoantares.info@gmail.com
Distribuidores: Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048
Correspondentes: António Valdemar (Lisboa).
Programação Visual: CLS Programação Visual Ltda.
Fotolitos e impressão: Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114
Versão digital: www.jornaldeletras.com.br

O JORNAL DE LETRAS É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DO INSTITUTO ANTARES DE CULTURA / EDIÇÕES CONSULTOR.



Elis & Tom, uma dupla notável

Quando terminou a exibição do filme *Elis & Tom*, no Kinoplex Leblon, o público explodiu em aplausos calorosos. De fato, a obra dos diretores Roberto Oliveira e Jom Tob Azulay mereceu a homenagem. Foi muito bem feito, sob

todos os aspectos.

A complexidade da cantora gaúcha não seria de fácil manuseio. São várias as passagens em que ela se revolta, dentro e fora do país, com os seus parceiros de aventura, mas a moral da história é que ela acabou domada pelas habilidades do grande compositor. Entre beijos e abraços, foi possível avançar na produção de álbuns que ficaram para a história.

Elis foi, sem dúvida, a maior cantora brasileira de todos os tempos. Os seus trabalhos acabaram se harmonizando com a competência musical de Tom Jobim, que teve também o mérito de valorizar os dotes profissionais de Cesar Camargo Mariano, como se comprova no filme referido.

As músicas apresentadas, no auge da Bossa Nova, fazem parte da história da música brasileira. Todas são peças impecáveis.

Desfilam no filme figuras do nosso panteão, como Elis Regina, Tom Jobim, Frank Sinatra, Roberto Menescal, Cesar Camargo Mariano, André Midani (meu particular amigo), Ronaldo Bôscoli, inspirado compositor, bisneto de Chiquinha Gonzaga e que acabou casando com Elis Regina. Viveram juntos perto de cinco anos. Há uma historinha de que participei. Como era um bom amigo do Bôscoli, fui procurado por ele, depois dos primeiros anos de casamento. Eles tinham tido um filho (João Marcelo), mas ela não admitia que o Ronaldo fizesse as convencionais visitas. Acontece que o advogado dela era meu íntimo amigo (Paulo Fabião). Depois de um jeitoso telefonema, levantei essa proibição.

As músicas gravadas por eles estão aí, fazendo sucesso até hoje. Mesmo não sendo um grande cantor, Tom dava a sua indispensável contribuição com os seus geniais arranjos, que fizeram sucesso também nos Estados Unidos, como garantiu o especialista André Midani.

Quando entrevistei Elis para a *Manchete*, na década de 1960, era o início de uma carreira que até poderia ou não dar certo. Mas depois, sinceramente, ela se firmou como profissional competente e ganhou o seu espaço nacional e internacional. Não mereceu o seu triste e lamentado fim.

“Liberdade é uma palavra que o sonho humano alimenta, não há ninguém que explique e ninguém que não entenda.”

Cecilia Meireles

“Todos os erros humanos são impaciência, uma interrupção prematura de um trabalho metódico.”

Franz Kafka

Correia da Serra, um sábio entre os sábios

Por António Valdemar*



José Correia da Serra

Conviveu com os grandes cientistas da sua época e com intelectuais e políticos proeminentes das principais capitais da Europa e dos Estados Unidos. As comemorações do segundo centenário da morte desta personalidade do maior prestígio permitem evocar a relação com brasileiros como José Bonifácio, que impulsionou a independência do Brasil.

Um novo ciclo se iniciou em Portugal com a Revolução de 1820. Refletiu a corajosa determinação de substituir as conceções absolutistas,

por estruturas políticas, sociais e culturais que fundamentaram um novo regime, em que todos podem ouvir a sua voz, desde que se possam concretizar as liberdades, direitos e garantias constitucionais. Houve a contribuição decisiva dos que permaneciam no exílio, submetidos às contingências do ostracismo e da solidão; e de outros, dentro de Portugal, que se empenharam na mesma luta, mas agindo com a reserva e a discrição impostas pelo sigilo.

José Correia da Serra, cujo segundo centenário da morte agora se completou, tem, finalmente, comemorações nacionais em torno da sua vida agitada e da sua obra exemplar. Nasceu em Serpa, a 5 de junho de 1751, e faleceu nas Caldas da Rainha, a 11 de setembro de 1823, quando ali se recorria ao tratamento termal. Ali ficou sepultado, sem que lhe prestassem as devidas homenagens.

Um dos seus biógrafos, Augusto da Silva Carvalho (1861-1957), catedrático da Faculdade de Medicina de Lisboa, reconstituiu o percurso de Correia da Serra, nas *Memórias da Academia das Ciências* (1948), divulgando fatos e documentos que permitiram ampliar as investigações. É o caso de Michael Teague, em 1997, no texto de apresentação do catálogo dos manuscritos arquivados na Torre do Tombo, e que possibilitaram a retificação e o acréscimo de questões primordiais. O Prof. Dr. José Luís Cardoso, presidente da Academia das Ciências – que me alertou para esta circunstância – proferiu, no dia 15 de Setembro, no salão nobre da Academia das Ciências, uma comunicação sobre As origens do programa científico de Correia da Serra. Trata-se de mais uma contribuição fundamental de José Luís Cardoso, que já se ocupara do livro do Richard Beale Davis e que revelou a correspondência com Jefferson e outros protagonistas da vida americana. Este livro, com uma introdução de José Luís Cardoso, foi traduzido com o patrocínio da Fundação Luso Americana para o Desenvolvimento (FLAD) e editado, em 2013, pela Imprensa de Ciências Sociais.

A obra *Cidadão do Mundo: Uma biografia científica do Abade Serra* (Porto Editora, 2006), escrita por Ana Simões, Maria Paula Diogo e Ana Carneiro, abriu novas perspectivas de conhecimento e de análise crítica. Na reabertura do ano académico de 2023/2024, Maria Paula Diogo dissertou, na Academia das Ciências, acerca da História, Botânica e Geologia na obra do Abade Correia da Serra. Recapitulou alguns aspectos já destacados numa obra que revisitou, exaustivamente: os biógrafos e biografias de Correia da Serra; a juventude em Itália; o regresso às origens; o refúgio em Londres; os amores em Paris; o período americano; e, por último, o reencontro com Portugal.

É de mencionar Ilídio do Amaral, autor de *Estudos Preliminares de Inéditos Juvenis de José Correia Serra*. A propósito do *Catalogue raisonné des voyageurs de ma bibliothèque* (1769) (Edição Colibri, 2012). Coloca-nos perante a evolução de um cientista internacional, como o atestam os depoimentos de vários

sábios seus contemporâneos e as numerosas instituições científicas que o acolheram. Todavia, Ilídio do Amaral não deixou de lembrar que, após o triunfo da revolução liberal, retomou o lugar de Secretário da Academia, foi deputado às Cortes (1822-1823) e desempenhou altos cargos, na Maçonaria, no Grande Oriente Lusitano.

Numa retrospectiva sumária, podemos aludir que José Correia da Serra era filho de Luís Dias Correia, médico formado na Universidade de Coimbra, que se radicou em Itália, a fim de escapar às garras da Inquisição. José Francisco Correia da Serra tinha apenas 6 anos. Em Roma, licenciou-se em direito canônico e optou pela vida religiosa. Ficou a ser amigo de D. João Carlos de Bragança, Duque de Lafões, que conhecera o pai, na altura em que ambos frequentaram a Universidade de Coimbra.

Já com o título abade Correia da Serra, regressou a Portugal. Possuía o total apoio do Duque de Lafões. Um ano depois, juntamente com D. João Carlos de Bragança, fundaram a Real Academia das Ciências de Lisboa. Sucederam-se as perseguições movidas pelo Intendente Pina Manique. Abandonou o país para se fixar, alguns anos depois de exercer o cargo de secretário geral da Academia das Ciências. Esteve ao corrente da concessão de bolsas de estudos na Europa para jovens membros da Academia, tais como os brasileiros Manuel Ferreira da Câmara e José Bonifácio de Andrade e Silva, que impulsionaram a independência do Brasil.

Envolvido em novos problemas políticos, decidiu instalar-se no Reino Unido. Pelos seus altos méritos, ingressou na Royal Society e na Sociedade Lineana de Londres. Operou-se, em 1801, uma mudança inesperada na política portuguesa: Rodrigo de Sousa Coutinho foi designado Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros. Correia da Serra passou a ser secretário da representação diplomática portuguesa em Londres. Enquanto esteve em Paris, colaborou com os enciclopedistas, nomeadamente, com Antoine Laurent de Jussieu, Alexander Von Humboldt e Georges Cuvier.

Mas, por ocasião da terceira invasão francesa em Portugal, terá sido instigado para subscrever um documento para justificar a política napoleônica. Ao recusar, terminantemente, Correia da Serra, mais uma vez, viu-se obrigado a procurar o exílio político, no estado americano da Virgínia. Chegou, em 1812, a Washington, com cartas de recomendação, de individualidades francesas, com influência na política americana. Uma delas do Marquês de Lafayette. Filadélfia constituiu, porém, o seu espaço privilegiado. Foi logo admitido na American Philosophical Society. Verificou-se, de imediato, a amizade recíproca e a admiração mútua entre Correia da Serra e Thomas Jefferson. Em Monticello frequentou, com assiduidade, a residência palaciana da família Jefferson.

Voltou a Portugal em 1820. Estava implantada a revolução liberal. Eleito deputado às Cortes, participou na construção de um Portugal que apostava nos imperativos do presente e do futuro. Está com o prelado Francisco de Lemos (1735-1822) durante quatro décadas Bispo de Coimbra e promoveu a total remodelação da Universidade de Coimbra. Encontra-se com Correia da Serra entre os deputados das constituintes e que incluíram representantes do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Pernambuco, de Goiás, do Espírito Santo, do Maranhão, de Minas Gerais, do Pará, de Paraíba, do Rio Grande do Norte e de Santa Catarina. Ao todo, 65 deputados. Outro nome de grande notoriedade é José Bonifácio (1763-1838) conforme já pormenorizamos.

Na sessão efetuada na Academia das Ciências, além das intervenções que anotamos, José Alberto Silva e Fernando Figueiredo apresentaram uma comunicação a propósito dos Ensaios para a História da Academia das Ciências. As finalidades estatutárias definidas por Correia da Serra ficaram, logo no princípio, sintetizadas na legenda: *Nisi utile est quod facimus, stulta est gloria*. Ou seja, na tradução portuguesa: Se não for útil o que fazemos, a glória é vã. Decorridos mais de dois séculos, perdura o objetivo de Correia da Serra de unir o que está disperso, ao circunscrever a ciência e, de um modo geral, a cultura, ao serviço integral do aperfeiçoamento humano.

*António Valdemar é jornalista, carteira profissional número um e sócio efetivo da Academia das Ciências.

● A ENTREGA das estatuetas da 65ª edição do Prêmio Jabuti acontece no dia 5 de dezembro, às 20h, no Theatro Municipal de São Paulo. Na ocasião, serão conhecidos os vencedores das 21 categorias do Prêmio.

● O JORNALISTA e escritor Sérgio de Sá resgata a história de seu avô, pioneiro na construção da capital do país, na recém-lançada obra *Bernardo Sayão: Caminhos, afetos, cidades*.

● ORGANIZADO PELO também compositor e violonista Mario Gil, o livro *Dori Caymmi Songbook: 80 anos de um cantador* é uma homenagem ao trabalho de um dos maiores defensores das tradições musicais brasileiras. Acompanhando 26 partituras escritas por Dori para suas canções, o songbook, produzido pelo selo SESC, reúne perfil biográfico, depoimentos, histórias e imagens.

● Parte da celebração dos 80 anos de Gilberto Gil, comemorados em 2022, resultou no livro *Nós, a Gente* (Martins Fontes), com trabalhos do coautor Daniel Kondo, artista visual e designer.

● PARTINDO DAS remotas culturas surgidas na Europa há cinco mil anos, *A História da Europa para quem Tem Pressa* (Ed. Valentina), de Jacob Field, avança cronologicamente até os dias atuais.

● AMAZÔNIA NA ENCRUZILHADA (Ed. Intrínseca), novo livro de Míriam Leitão, traça um retrato da situação atual da Amazônia.

● RICAMENTE ilustrado pela produção de dez fotógrafos, *Pantanal: Origens de um paraíso*, assinado pelos historiadores Maria de Fátima Costa e Pablo Diene, foi lançado pela Editora Capivara.

● FINALISTA do National Book Award 2020, *Apanhadora de Pássaros* (Instante), de Gayl Jones, trata da amizade entre duas artistas negras.

● EM *MARX, ESSE DESCONHECIDO* (Boitempo), o cientista social Michael Löwy apresenta ao leitor facetas inusitadas, por vezes quase exóticas, do trabalho do pensador alemão.

● A transição geográfica é o mote principal dos 80 poemas reunidos pela carioca Erica Magni em *Areia Olhota* (Ed. Pedregulho)

● *DUAS ILHAS*, ilustrado por Zansky e assinado pelo premiado Guilherme Semionato, teve lançamento da FTD Educação.

● SETE AMIGAS de meia-idade se reúnem para conversar sobre suas experiências: este é o tema de *Sexo* (Ed. Via Verita), novo livro de Marco Casanova.

● O CRÍTICO de arte Will Gompertz apresenta uma jornada pela vida e pela obra de 31 artistas geniais em *Como os Artistas Veem o Mundo* (Ed. Zahar).

● GEORGE SAUNDERS volta à ficção depois do premiado *Lincoln no Limbo* (2017), com o recém-lançado *Dia da Libertação* (Companhia das Letras).

● O JORNALISTA Rodrigo Casarim reuniu 55 textos sobre o universo literário em *A Biblioteca no Fim do Túnel* (Arquipélago Editorial).

● *TODAS AS COSMICÔMICAS*, de Ítalo Calvino, com tradução de Ivo Barroso e Roberta Barni para a Companhia das Letras, reúne dois livros publicados pelo grande inovador da narrativa, na década de 1960.

● *SPA, GRAPHIC NOVEL*, de Erik Avetoft, explora os limites do nonsense e do estranhamento. Ganhou tradução de Guilherme da Silva Braga para a Editora Darkside.

● PUBLICADO pela primeira vez no Brasil (Ed. Carambaia), *O Tagarela, de Louis-René dès Forêts*, é uma novela curta, em forma de monólogo, onde o narrador

O TRISTE CIRCO DA HISTÓRIA



intriga o leitor com suas contradições.

● THIAGO DE MELLO convida os leitores para uma reflexão sobre a Amazônia para além das utopias em *Mormaço na Floresta* (Global).

● *COMO CHEGAMOS A PARIS E OUTRAS NARRATIVAS* (Ed. Bertrand Brasil), de Ernest Hemingway, traduzido para 14 idiomas, foi lançado pela Bertrand Brasil com texto de orelha de Edney Silvestre. Vencedor do Pulitzer e do Nobel de Literatura, Hemingway já vendeu mais de 500 mil exemplares de seus livros no país.

● *VOLADORAS* (Autêntica Contemporânea), novo livro de Mónica Ojeda – confirmada na programação da Flip 2023 –, mobiliza a cosmogonia andina, também latino-americana, de modo surpreendente.

● ROMANCE HISTÓRICO vencedor do Prêmio Kindle de Literatura 2022, *Ébano sobre os Canaviais* (Ed. José Olympio), discute preconceitos em meio a uma história de amor. No livro, Adriana Vieira Lomar presta homenagem à sua ancestralidade multirracial.

● PUBLICADO pela Malê, *A Voz que Vem dos Poros* reúne pela primeira vez um panorama de quatro décadas de produção literária do escri-

tor Salgado Maranhão.

● *SEM PALAVRAS* (Versiprosa) é o livro de estreia do poeta e músico Grecco Buratto e que aborda temas como solidão, movimento e despedidas.

● *20 POEMAS DE VIDA E UM SINO QUEBRADO* (Global) traz uma seleção de poemas de Pablo Neruda, apresentada em uma edição bilíngue (português/espanhol). A obra conta ainda com trabalho de tradução para o português do escritor e poeta Affonso Romano de Sant'Anna.

● *CAMINHÁVAMOS PELA BEIRA* (Aboio) é o segundo livro da gaúcha Lolita Campani Beretta.

● CONHECIDO POR suas histórias inquietantes, Marco Severo chega ao seu quinto livro de contos com um título provocador: *Não Há Castigo Maior do que um Amor que Dure para Sempre* (Moinhos).

● CONSIDERADO pela crítica espanhola o melhor romance de 2020, *Um Amor* (Autêntica Contemporânea), livro de Sara Mesa, apresenta um romance envolvente.

● LUCY SCORE, autora internacional de romances contemporâneos, lança *As Coisas que Guardamos em Segredo*, com o selo da Alta Novel.

Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

Dançarino

“Henrique achava que era um exímio pé-de-valsas, mas pisou no pé de sua acompanhante na festa.”

Escrevendo assim, não tem como dançar bem.

Não se emprega o hífen nas locuções substantivas.

Frase correta: “Henrique achava que era um exímio **pé de valsas**, mas pisou no pé de sua acompanhante na festa.”



Esse ou este

Esse, essa, isso são usados para objetos que estão próximos da pessoa com quem se fala, ou seja, da segunda pessoa do singular ou plural. Em relação ao tempo, é usado no passado ou futuro.

Ex.: Você comprou **essa** pulseira que está no seu braço?/ **Esse** trabalho será de muita alegria./ **Isso** que você pegou na geladeira é de comer?

Este, esta, isto são usados para objetos que estão próximos de quem fala, ou seja, da primeira pessoa do singular ou plural. Em relação ao tempo, é usado no presente.

Ex.: **Esta** pulseira é sua. / **Isto** que está na minha mesa é do seu irmão?

Museu

“Elias adorou conhecer o Museu Aero-Espacial de Washington D.C.”

Não deve ter sido uma visita agradável. Não se emprega o hífen quando o prefixo ou pseudoprefixo terminar em vogal e o segundo elemento começar por vogal diferente.

Ex.: **coirmão, autoindução, extraescolar** etc.

Frase correta: “Elias adorou conhecer o Museu **Aeroespacial** de Washington D.C.”

Fedorento

“Juliana não queria ficar perto do primo, que estava mal-cheiroso.”

Não creio que estava fedorento, escrevendo assim.

Não se emprega o hífen nas palavras compostas em que o advérbio mal se liga ao elemento seguinte iniciado por **consoante**.

Ex.: **maldisposto, malfalado, malnascido** etc. Frase correta: “Juliana não queria ficar perto do primo, que estava **malcheiroso**.”

Torcida duvidosa

“Jogaremos um futebol de excelência, mas contando com os fluídos positivos enviados pelos torcedores.”

Assim, ficará difícil! Fluído é o particípio do verbo fluir.

O que os brasileiros mandarão para o nosso time serão **fluidos**, sem acento.

Período correto: “Jogaremos um futebol de excelência, mas contando com os **fluidos** positivos enviados pelos torcedores.”

Copa do mundo

“Alessandra disse ao noivo: não quero **lhe** falar sobre o que acho de Copa do Mundo.”

Duvido que o rapaz vá querer falar com ela. Cuidado! Apesar de muito popularizada, esta construção está errada. Nas locuções verbais em que o verbo principal estiver no infinitivo (falar) ou no gerúndio (falando) precedido de partícula atrativa (não), o pronome (**lhe**) deve ser colocado antes do verbo auxiliar (quero) ou depois do verbo principal, mas jamais entre ambos.

O correto é: “Alessandra disse ao noivo: **não lhe** quero falar sobre o que acho de Copa do Mundo” ou “...não quero **falar-lhe** sobre o que acho de Copa do Mundo.”

Xingamento

“Rosana chamou a vizinha de mocréia, mas ela nem ligou.”

Nem poderia se incomodar. De acordo com o Novo Acordo Ortográfico de Unificação da Língua Portuguesa, não se usa mais acento em ditongos abertos **êi** e **ói**, nas palavras paroxítonas.

Frase correta: “Rosana chamou a vizinha de **mocreia**, mas ela nem ligou.”

Curiosidade

Você sabe o que são **palíndromos**?

São palavras ou frases que podem ser lidas da esquerda para a direita e da direita para a esquerda.

Ex.: radar, luz azul, ame o poema, amor a Roma, a droga da gorda, o galo no lago etc.

Pintando o sete

“Ricardo mudou a parede da sala usando a técnica do extêncil.”

Deve ter ficado muito feio!

A palavra correta é **estêncil**, que significa: material plano e fino que permite imprimir e reproduzir algo numa superfície por meio da abertura ou cortes que se preenchem com tinta.

Frase correta: “Ricardo mudou a parede da sala usando a técnica do **estêncil**.”



Nobel de literatura 2023

Por Maria Cabral

O prêmio Nobel de Literatura 2023 foi concedido ao dramaturgo norueguês Jon Fosse, “por suas obras de teatro e prosa inovadoras que dão voz ao indizível”, destacou a Academia Sueca. Considerado um dos grandes autores de sua geração, Fosse, de 64 anos, é celebrado por transitar entre a prosa e a poesia, o ensaio e a ficção, o teatro e os títulos infantis. Sua obra é permeada por investigações existenciais sobre a morte, o amor, a fé e o desespero.

Pelo prêmio, Jon Fosse vai receber 10 milhões de coroas suecas (4,7 milhões de reais). O norueguês já frequentava as listas de apostas do Nobel há mais de uma década e passou as últimas semanas no topo da lista do “Nicer Odds”, um dos principais sites de apostas do Reino Unido.



Estreante na literatura em 1981, sua obra já foi traduzida para mais de 50 idiomas. No Brasil, tem dois livros publicados: *Melancolia* (Tordesilhas, 2015), que narra a jornada tortuosa de um personagem real, o pintor norueguês Lars Hertevig (1830-1902); e *É a Ales* (Companhia das Letras, 2023), que narra as reminiscências de Signe, uma mulher cujo marido (Asle) desapareceu após sair de barco em um fiorde. O livro *Brancura* deverá chegar às livrarias nos próximos dias. É protagonizado por um homem que começa a dirigir sem rumo até uma floresta, quando é interrompido pela neve. Outros títulos do autor serão lançados em 2024.

Nascido em Haugesund, em 1959, Fosse se define como “um cara esquisito”. Ele sofreu um acidente grave, aos 7 anos, que quase lhe custou a vida, admitindo que a experiência deixou marcas profundas em sua escrita. Formado em Literatura Comparada na Universidade de Bergen, ex-integrante de uma banda de rock, escreveu seu primeiro texto – uma canção – na adolescência, afirmando: “Para mim, escrever é escutar. Um ato mais musical que intelectual.” Com frequência comparado a Samuel Beckett (1906-1989), Fosse já chamou o escritor e dramaturgo irlandês de “pai literário”. Para homenagear o autor de *Esperando Godot* deu o título de *Alguém Vai Vir a uma de suas Peças*, que se tornou célebre.

“A escrita é igual ao ser humano: não se pode separar a alma do corpo”, afirma o autor Jon Fosse, prêmio Nobel de Literatura 2023.

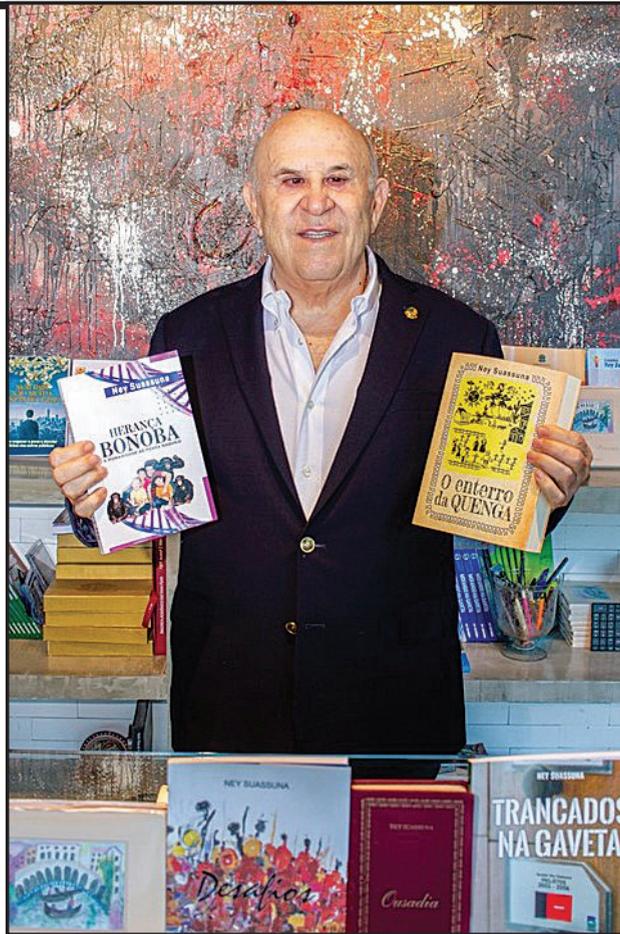
Livros de Suassuna concorrem ao Prêmio Jabuti

Por MAnoela Ferrari

Aos 81 anos, o ex-senador Ney Suassuna, primo do saudoso acadêmico Ariano Suassuna, resolveu investir na carreira literária, candidatando-se à Academia Brasileira de Letras. Paraibano radicado no Rio de Janeiro, o senador suplente e ex-ministro também é escritor, ensaísta e poeta.

Na última Bienal Internacional do Rio, lançou simultaneamente oito livros inéditos, publicados de maneira independente: *O Enterro da Quenga*; *Mártires Esquecidos: As lutas pela liberdade no nordeste brasileiro*; *Brasil x Argentina: Tensões históricas e geopolíticas nas relações entre os dois países*; *Herança Bonoba: A humanidade só pensa naquilo*; *Desafios*; *Sabor de Manga*; *Abrindo o Baú – Uma Volta ao Passado* e *Desenhos e Poesias*.

Com gêneros variando entre prosa, poesia e ciências sociais, a obra de Ney Suassuna já acumula mais de 40 títulos, que até então não haviam chegado ao grande público. Os livros que vêm escrevendo ao longo de sua trajetória são romances, crônicas, ensaios e



poesias carregados de ensinamentos da vida sertaneja, pontuados de preocupações com o país. *O Enterro da Quenga* (obra e capa), *Mártires Esquecidos* (obra e capa) e *Herança Bonoba* (obra) estão concorrendo ao Prêmio Jabuti.

TRAJETÓRIA LITERÁRIA

Ney Suassuna escreveu seu primeiro livro em 1979, mas desde muito jovem já tinha gosto pela escrita: “Sempre tive um apreço muito grande pelas artes. Na verdade, não só eu, mas toda a minha família. Meu primo, Ariano Suassuna, foi um exemplo. A literatura me acompanha desde sempre. Mas quando a gente percebe que está ficando velho e pessoas próximas vão embora, sentimos necessidade de deixar uma marca no mundo. Meus livros são essa marca”, enfatiza o autor, com mais dois livros sendo finalizados.

PERFIL

Ney Robinson Suassuna nasceu em Campina Grande, no estado da Paraíba, em 1941. Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), presidente da Associação Comercial e Industrial da Barra da Tijuca, presidente do centenário Anglo-Americano Escolas Integradas, bacharel em Administração e Economia pela UFRJ e em Pedagogia pela Faculdade Castelo Branco, também no Rio de Janeiro, cursou a Escola Superior de Guerra, em 1982.

Foi senador da República durante 12 anos. Também exerceu o cargo de ministro da Integração Nacional. Atualmente, é senador suplente até 2028. Dentre seus livros publicados, destacam-se *A Saga Suassuna*, a trilogia *A República da Gaveta* e diversas coletâneas de poesias.

Os efeitos das mudanças na cena literária de hoje

Por Bernadette Lyra*

A cena literária de hoje não é a mesma de ontem. A frase pode parecer de efeito ou banal. Mas condensa o que ando pensando a respeito do atual tsunami de “escritoras” e “escritores” que assolam o país. Penso que o fenômeno é interessante e merece, pelo menos, uns pitacos de quem perpassa pelo universo da escrita. Ainda que não seja minha intenção “doutrinar” sobre isso. E que fique bem claro que detesto doutrinas, sobre o que quer que seja.

Se vocês tiverem interesse e prestarem atenção, verão que já existe um montão de gente, com expertise bastante, que vem tratando esse assunto em artigos, aulas, palestras e quejandos de modo bem mais autorizado de que sonham as minhas singelas elucubrações. Posso até dizer que as opiniões dos entendidos se desdobram em duas correntes. Por um lado, tem aquele pessoal mais exigente que condena a falta de conhecimento e de técnica, além da pouca familiaridade no trato com o desenrolar da produção histórica em literatura que os autores novatos (e outros nem

tanto) costumam exibir. Por outro lado, não deixa de existir quem considere que esse fenômeno é parte naturalizada da “espetacularização do eu” e da “midiatização narcísica”, muito citadas por estudiosos, cientistas e críticos.

No primeiro caso, é fácil notar que, de fato, muitos desses seres que se autointitulam “escritores” exibem uma avidez gulosa pelo que acreditam ser um título capaz de lhes conceder fama e sucesso social. Alguns nem se dão ao trabalho de ler outros autores – nem do passado, nem do presente. Achem que estão reinventando a roda. Quase sempre, o que sobra é a mediocridade dos produtos que resultam desse afã de publicar romances, contos e poemas como se fossem biscoitos levados ao forno, em fieira.

No segundo caso, é bem provável que a facilidade no manejo das redes sociais e dos novos suportes tecnológicos promovam a inserção dos sujeitos em lugares e posições que até então lhes seriam negados por insuficiência de desejo ou de competência. Isso leva a pensar que o excesso de autores e de publicações pode ser um reflexo das mudanças ocorridas no território da literatura.

No cenário literário do século XXI, a literatura enfrenta o apocalipse da estabilidade. O que se vê é a precariedade e a incerteza do cânone que fazia valer as narrativas, em prosa e em verso, no universo da ficção e do imaginário. Assim, talvez a banal multidão de escritos e autores de hoje seja apenas um sintoma da instabilidade e multiplicidade possível das representações literárias atuais, ainda em busca de um outro cânone. Que, quem sabe, algum dia, virá. Ou não virá, nunca mais.

*Bernadette Lyra é Doutora em Artes/Cinema pela ECA/USP e pós-doutora pela Universidade René Descartes, Sorbonne.

J Livros e Autores

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



As Joias Desaparecidas

Em 1948, aos 13 anos, João Carlos Marinho Silva, como ainda assinava na época, escreveu a história de *As Joias Desaparecidas* em um caderno espiral que foi guardado durante muitos anos. A aventura, que se mantinha inédita, ganhou, este ano, uma bela edição pela Global Editora. O livro conta com o texto original editado por um dos filhos de João Carlos Marinho, Beto Furquim, acompanhado de belas ilustrações de Mauricio Negro. A caprichada publicação inclui, ainda, notas de contextualização histórica e uma seção sobre a vida e a obra do autor, além de uma reprodução do caderno espiral

em que o autor escreveu essa história quando criança. João Carlos Marinho nasceu no Rio de Janeiro em 25 de setembro de 1935. Passou parte da infância em Santos, depois São Paulo e Suíça. De volta ao Brasil, formou-se pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Em 1969, publicou o livro *O Gênio do Crime*, que se tornou um clássico da literatura infantil brasileira, superando a marca das 70 edições. Dali em diante, foram surgindo os outros livros da Turma do Gordo, totalizando um conjunto de 13 títulos. Pelo livro *Sangue Fresco*, recebeu o Prêmio Jabuti e o Grande Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA).

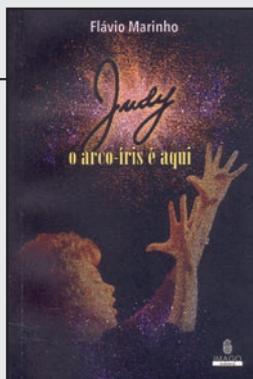
DIÁLOGO EXISTÊNCIA EXPERIÊNCIA – MEUS POEMAS ESSENCIAIS

Diálogo Existência Experiência – Meus poemas essenciais (Universo de Letras, 2023) é o 33º livro de Pedro Sevylla de Juana. Segundo Manuel de la Puebla, doutor em Estudos Hispânicos e professor de Literatura na Universidade de Puerto Rico, o livro impacta pela intensidade do pensamento e pelo domínio da linguagem: “O autor reúne no presente livro o trabalho dos últimos dez anos e a filosofia destilada no alambique da vida, somando-se às vanguardas poéticas atuais. O livro não é fácil de classificar. Pertence ao ensaio devido à natureza da exposição, disseminada em numerosos fragmentos. À filosofia, pela visão e julgamento da realidade. E pertence à poesia – a classificação que o autor prefere – porque muitas das ideias são poéticas em si e por configurar uma entidade poética, a exibem e modelam, e porque o fazem na linguagem mais original e apropriada: a das imagens, novas, frescas, audaciosas; sem importar a forma aparente de prosa dos parágrafos.” Nascido em Valdepero (Palencia, Espanha), em março de 1946, Pedro Sevylla de Juana começou a escrever livros aos doze anos. Publicitário, conferencista, articulista, poeta e ensaísta, reside em El Escorial. É membro correspondente da Academia Espírito-santense de Letras. Recebeu, entre outros, os prêmios: Relatos de la Mar (1997), Ciudad de Toledo (1999), Internacional de Novela Vargas Llosa (2000).



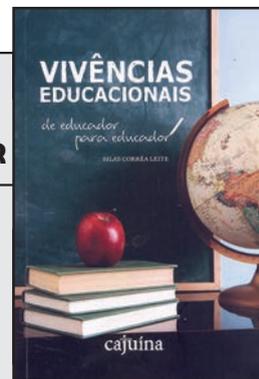
JUDY: O ARCO-ÍRIS É AQUI

Para as comemorações do centenário do nascimento de Judy Garland, em 2022, Flávio Marinho levou ao palco a peça *Judy: O arco-íris é aqui*, cujo texto recheia as páginas deste livro (Editora Imago). A narrativa procura mostrar a notável capacidade do ser humano em se reinventar e se descobrir, apresentando uma Judy Garland raramente vista, interpretada por uma das mais talentosas atrizes brasileiras: Luciana Braga. A proposta é surpreender o público, fazendo-o tentar adivinhar o que virá a seguir – na medida em que não se trata de uma narrativa cronológica, linear. Segundo o roteirista Rodrigo Fonseca afirma na orelha da obra, Marinho estrutura um “puzzle” de biografia primoroso. Flávio Marinho explica, na contracapa: “Longe de tentar mimetizar os jeitos e trejeitos da Judy, atriz e cantora, o espetáculo assume um tom de ambiguidade em que a própria trajetória de Luciana – desde criança perseguida por ser ‘parecida com Judy Garland’ – estará em cena.” Flávio Marinho tem na bagagem mais de 90 espetáculos entre peças, musicais, shows. Nesses anos todos, escreveu 26 peças, adaptou 22, traduziu 23 textos, foi redator e colaborador em mais de 30 programas de TV, escreveu o roteiro de 13 shows, tem 19 livros publicados, 7 prêmios e 12 indicações.



VIVÊNCIAS EDUCACIONAIS – DE EDUCADOR PARA EDUCADOR

Uma diversidade de práticas e experiências na docência, como um todo, são apresentadas em *Vivências Educacionais – De educador para educador* (Ed. Cajuína), de Silas Corrêa Leite. A obra, com quase 200 páginas, apresenta um conteúdo importante sobre a relação professor-aluno, professor-clientela social, professor-educador, professor-teoria e prática, servindo de uma espécie de “mosaico de vivências”, passando momentos alegres e interessantes, além de fatos curiosos, casos interessantes, mesmo para o conceito didático-pedagógico. A obra tem apresentação da educadora Querte Teresinha Mehleke. Na introdução, o autor fala sobre a “missão de lecionar” e da partilha do percurso: “‘Práticas educacionais vivenciadas’, como inventário de partilhas, é quase um testamento-testemunho de um tempo, de um lugar, de uma regência de mais de vinte anos em escola pública e particular.” Professor, poeta, jornalista comunitário e conselheiro diplomado em direitos humanos, além de blogueiro premiado. Venceu alguns concursos literários com seus romances, pensagens (pensamentos-mensagens), pensadinhos (pensamentos-trocadilhos,) e críticas literárias. Premiado, entre outros, no Concurso Lygia Fagundes Telles para professor escritor, promovido pela Secretaria de Educação do Governo do Estado de São Paulo. Criador do primeiro livro interativo da rede mundial de computadores, o ebook de sucesso *O Rinoceronte de Clarice*, que foi destaque na grande mídia.



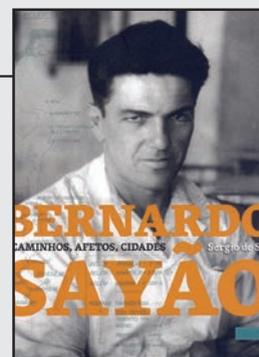
SERENO MUNDO AZUL

Sereno Mundo Azul (Ed. Global, 2023) é o primeiro livro inédito publicado depois que a autora Marina Colassanti recebeu o Prêmio Machado de Assis – o mais tradicional e importante do país – pelo conjunto de sua obra, este ano. As histórias concebidas pela autora para este livro indicam o encantamento entre as volúveis fronteiras do real e imaginário. As belas ilustrações de Elizabeth Builes sintonizam-se com a intensa sensibilidade da escrita de Marina. Uma narrativa marcante, tecida pela composição imaginativa dos cenários, com relações intensas entre as personagens, numa linguagem penetrante que envolve coração e mente. Uma das mais premiadas escritoras brasileiras, com livros de destaque em todos os segmentos, Marina Colassanti nasceu em Asmara, na Eritreia, viveu em Trípoli, percorreu a Itália em constantes mudanças até transferir-se com a família para o Brasil. Pintora e gravurista de formação, é também ilustradora de vários de seus livros. Foi publicitária, apresentadora de televisão e traduziu obras fundamentais da literatura. Jornalista e poeta, publicou livros de comportamento e de crônicas. Por sua produção extensa, para crianças, jovens e adultos, recebeu numerosas premiações. Elizabeth Builes é artista plástica colombiana formada pela Universidade Nacional da Colômbia. Venceu, entre outros, o Prêmio Tragaluz de ilustração em 2013.



BERNARDO SAYÃO

Em *Bernardo Sayão – Caminhos, afetos, cidades* (Ed. do Autor, 2023), o escritor e jornalista Sérgio de Sá reúne memórias de bravura e pioneirismo entrelaçadas ao destino do país. Com a agilidade do jornalismo, unida à precisão do texto acadêmico na mesma medida da graciosidade literária, a vida e a obra de Bernardo Sayão (1901-1959), engenheiro mito da fundação de Brasília, são recontadas com paixão e rigor, revelando memórias que somam humanidade, grandeza, obstinação e esperança. Longe de ser uma biografia, o livro de 257 páginas funciona como uma série de crônicas sobre a vida do engenheiro que ficou conhecido pela construção da rodovia Belém-Brasília e pela morte trágica, mas foi também um pioneiro da interiorização do Brasil e uma figura chave na construção de Brasília. Com capa, projeto gráfico e diagramação de Luciano Mendes, fotos de Danielly Ramos e Patrick Grsoner, Sérgio de Sá reuniu lembranças e momentos decisivos da vida do avô, amado e reverenciado pelo povo como herói, já na sua época de candango, que servia de inspiração e esperança para os que lutavam na construção do Brasil. Sérgio de Sá nasceu em Brasília, em 1970. Crítico literário, professor associado na Faculdade de Comunicação da UnB, é autor, entre outros, de *Roberto Corrêa – caipira extremo*.



Krenak, primeiro representante dos povos originários na ABL

O ambientalista, líder indígena e escritor Ailton Krenak é o primeiro representante dos povos originários a ser eleito imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL). O autor da trilogia formada por *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*, *A Vida Não É Útil* e *Futuro Ancestral*, editada pela Companhia das Letras, vai ocupar a cadeira de número 5, vaga com morte do historiador José Murilo de Carvalho, aos 83 anos, ocorrida em agosto.



Favorito desde o início, Krenak recebeu 23 dos 39 votos possíveis, superando a historiadora Mary Del Priore (12 votos) e outro representante indígena, o escritor Daniel Munduruku (4 votos). O novo imortal passou a maior parte dos últimos tempos na Reserva Indígena Krenak, no município de Resplendor, no estado de Minas Gerais. Também concorreram à vaga Raquel Naveira, Antônio Hélio da Silva, J. M. Monteiros, Chirles Oliveira Santos, Daniel Munduruku, José Cesar Castro Alves Ferreira, Gabriel Nascentes, Ney Suassuna, Denilson Marques da Silva, José Ricardo dos Santos Rodrigues, Martinho Ramalho de Melo, Luiz Coronel e Maria Madalena Eleutério de Barros Lima.

Para a ABL, a eleição de Krenak representa um avanço em termos de representatividade da rica diversidade cultural brasileira. Nos últimos anos, a Academia vem abrindo o leque na composição de seus imortais, com artistas de diferentes perfis e de obras heterogênicas ingressando em suas fileiras, como a atriz Fernanda Montenegro e o compositor Gilberto Gil. Sua eleição acontece no aniversário de 35 anos da promulgação da Constituição na qual atuou para aprovação da emenda que trata dos direitos dos povos originários. Em 1987, ele comoveu o país com um discurso na Assembleia Nacional Constituinte, em que pintou o rosto com tinta preta de jenipapo em protesto contra o retrocesso dos direitos indígenas.

Krenak é Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal de Juiz de Fora e ocupa a cadeira 24 da Academia Mineira de Letras. Nascido em 1953, em Itabirinha, região do Vale do Rio Doce (MG), um local afetado pela atividade de extração de minério, mudou-se para o Paraná, aos 17 anos, onde se alfabetizou. Ativista do movimento socioambiental e de defesa dos direitos indígenas, participou da fundação da União Nacional dos Indígenas (UNI), movimento de expressão nacional.

Comendador da Ordem de Mérito Cultural da Presidência da República, organizou a Aliança dos Povos da Floresta, que reúne comunidades ribeirinhas e indígenas na Amazônia. É coautor da proposta da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) que criou a Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, em 2005, e é membro de seu comitê gestor.

Nas décadas de 1970 e 1980, foi determinante para a conquista do “Capítulo dos índios”, o capítulo 8º na Constituição de 1988, que passou a garantir, no papel, os direitos indígenas à cultura e à terra. Entre os livros mais recentes, estão *Ideias para Adiar o Fim do Mundo* (2019), *A Vida Não É Útil* (2020), *Futuro Ancestral* (2022) e *Lugares de Origem* (2021), escrito junto com Yussef Campos.

Em *A Vida Não É Útil*, ele aborda a pandemia da Covid-19 e diz: “Se durante um tempo éramos nós, os povos indígenas, que estávamos ameaçados da ruptura ou da extinção do sentido da nossa vida, hoje estamos todos diante da iminência de a Terra não suportar a nossa demanda.”

A posse de Krenak, em data ainda não confirmada, será em 2024.

Quem lê livro é livre – a capital do livro será no Rio de Janeiro

Por Manoel Goes*

Vivemos bons ventos na produção literária e vendas de livros em todo o país, após anos de grandes dificuldades. O sucesso da 40ª Bienal Internacional do Livro realizada recentemente no Rio de Janeiro fechou com expressivos números: mais de 600 mil visitantes, e quase 6 milhões de livros vendidos, recorde absoluto de vendas, com média de nove livros por pessoa. Foram mais de trezentas atrações nacionais e internacionais, quase 500 editoras, selos e distribuidoras e uma diversidade de títulos. Devido ao sucesso em todas essas quatro décadas, a Bienal do Livro passa a ser Patrimônio Cultural do Livro do Rio de Janeiro. Com certeza foi a maior Bienal de todos os tempos. A desse ano ficou marcada pela união de diferentes mídias para contar histórias, e todos esses novos formatos convergem narrativas se cruzando entre livro, audiovisual e teatro.

A evolução dos livros e longa, cheia de mistérios e surpresas. A trajetória desse artefato fascinante que foi inventado pelo homem para que as letras, códigos, palavras pudessem viajar no tempo e no espaço. Várias formas de fabricação, modelos, edições e formatos que, ao longo de toda a jornada humana, fora testado e reinventado. Os livros nos levam desde os tempos da Alexandria nos campos de batalha e, também, na Vila dos Papiros que o vulcão Vesúvio com suas lavas fez sepultura. A viagem prossegue, e o livro que temos

hoje tomando novas formas, passando pelos palácios de Cleópatra. Chegamos a 2023 com este importante reconhecimento mundial, o Rio de Janeiro será, em 2025, a Capital Mundial do Livro, título concedido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Pela primeira vez uma cidade de língua lusófona irá receber este importante título mundial, e assumirá o Rio de Janeiro este papel, a partir de 23 de abril de 2025.

O título concedido pela Unesco e por grandes representantes da indústria editorial mundial contempla uma cidade, como reconhecimento da qualidade dos programas de promoção do incentivo à leitura e dos livros; dedicado a toda a indústria livreira do Brasil. Hoje a Capital Mundial do Livro é Estrasburgo, uma Comuna na França. O objetivo de se escolher anualmente a Capital Mundial do Livro é fortalecer e democratizar o acesso à leitura, com foco especial em jovens e em comunidades mais vulneráveis, com desenvolvimento de programas e atividades que promovam o livro e a leitura.

Finalizando um ano literário tão produtivo, acontece em novembro a Flip – Festa Literária Internacional de Paraty, na sua 21ª edição, apresentando novas possibilidades de ocupação dos espaços públicos, com cultura e educação, impulsionando mecanismos de troca entre aqueles que por lá irão transitar naqueles locais. O sucesso da Flip é resultado de um longo percurso com potencialização do território que dá sustentação à experiência de todos que participam da Festa – moradores, visitantes, artistas, escritores e trabalhadores de diversos setores. A premiada editora capixaba independente Causa, de Saulo Ribeiro, junto com mais cinco outras editoras independentes de São Paulo, firmaram parceria com a local galeria e bar Matriz Cultural e criaram a Casa Pagã, em homenagem a Zé Celso Martinez Correa, grande ícone da dramaturgia falecido em julho deste ano. Sugerimos a visita de todos, afinal que lê livro é livre!

*Manoel Goes é escritor, produtor cultural e diretor no IHGES – Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo.

Introdução

Por André Amado*

No meu entender, há três maneiras de escrever sobre literatura. A primeira é a dos escritores que escrevem sobre si mesmos e suas obras – são autobiografias, diários e outros textos autorreferenciais de ficcionistas, poetas ou dramaturgos. A segunda é o trabalho que especialistas, em geral com lastro acadêmico, lhes dedicam (àqueles escritores e obras), lançando sobre eles, a partir das teorias que dominam, e de uma leitura sistematizada do cânon, um bem treinado olhar externo – é a crítica profissional, exercida nas universidades ou fora delas. E a terceira é a praticada por escritores diletantes que, ao escrever sobre outros escritores e suas obras, lançando sobre eles também um olhar externo, estimam ser possível fazê-lo tendo por base não a bagagem teórica do crítico profissional, mas leitura voraz, audácia e atrevimento. Meu caso.

Em minha defesa, concedam-me algumas linhas. Passei a maior parte de minha vida (48 anos) como diplomata. Fácil de entender, dediquei-me nesse período sobretudo à leitura de livros de História, Política, Economia, Relações Internacionais, Diplomacia, bem como ao estudo das questões tópicas relacionadas às missões que se sucederam ao longo de minha carreira. Nos intervalos, aliviava as tensões nas páginas de histórias de espionagem, intrigas palacianas, disputas pelo poder, rivalidade entre nações e jogos de interesse dos grupos de pressão (no que parecia ser o crepúsculo da Guerra Fria, incorporei histórias de detetive à pilha de meus livros de cabeceira. O que me sobrava ainda de tempo estendia aos textos literários que me sugeriam os amigos e aos autores mais destacados da produção cultural dos países onde servia (Estados Unidos, Uruguai, França, Espanha, Peru, Japão e Bélgica).

Em meio a essa trajetória de décadas de leituras dispersas, para não dizer desorganizadas, tenho até hoje dificuldade para explicar como consegui escrever nove livros que, com uma exceção, pouco ou nada têm a ver com diplomacia – sete romances e dois ensaios.¹ Menos ainda sei dizer por que o segundo ensaio descambou para uma tentativa de crítica literária, posicionando-me diante da literatura como objeto de estudo. Só posso intuir que minha vivência como romancista despertara em mim o interesse, senão o impulso, de desvendar no que lia os mecanismos interiores da narrativa. Para compensar minhas deficiências no campo da teoria literária, dei atenção redobrada à leitura de tudo que me pudesse ajudar a penetrar as entranhas do texto e, no caso concreto, a construir linhas de reflexão sobre a obra de Luiz Alfredo Garcia-Roza, projeto que teimava em levar adiante.

Para minha sorte, lembrei-me do método de trabalho de José Guilherme Merquior, que, diplomata e grande homem de ideias, foi também, como se sabe, um de nossos mais finos críticos literários. Merquior lia, sublinhava e fichava os textos que estudava, exercício que, potencializado por uma memória fora do comum, lhe permitia tudo ler duas vezes – no ato da leitura propriamente dita e no de fichar. A partir daí, aplicava seu talento, não menor que a memória, à decifração dos segredos da obra que se propunha investigar. Sem os atributos de Merquior – memória e talento incomuns –, sublinhei e fichei coleção razoável de livros, na esperança de aterrissar com mais segurança no romance policial de Garcia-Roza.

O expediente das fichas foi decisivo. O vasto material extraído das fontes pesquisadas haveria de cobrar-me, porém, disciplina e organização. Tivesse contado com o devido treinamento acadêmico, decerto seguiria metodologia mais sofisticada para estruturar a tese que afinal preparei sobre Garcia-Roza. Mas terminei conformando-me com buscar na imensa floresta à minha frente o que de mais importante sobressaía de algumas árvores que me empenhei em selecionar da melhor forma que pude. Centrei-me em grupos temáticos, coletivo que incluiria e, ao mesmo tempo, distinguiria questões como as origens da história de detetives, os métodos de trabalho das investigações, a narrativa no gênero policial, em geral, e na obra de Garcia-Roza, em particular. Afunilei, a seguir, a abordagem em favor de agrupamentos temáticos ainda mais definidos, como a relação do autor com a solidão, a *flânerie*, as mulheres, a cultura e a psicanálise. Concluí com o tratamento instigante que o autor reservava ao suspense e, em outro plano, à complexidade dos comportamentos humanos.

Amigos fiéis reconheceram valor em minha primeira aventu-

ra na crítica literária, a tal ponto que me deixei levar pela sensação ousada de que poderia persistir na prática. Depois de dois anos e meio de muita leitura e pesquisa, a que me tinha levado Garcia-Roza, julguei haver desenvolvido alguma resistência para fazer crítica sem ser crítico profissional; para buscar desvelar os dispositivos retóricos e o tratamento dos temas em textos de ficção mesmo sem o domínio acadêmico de conceitos da teoria literária. Não se trata de fazer pouco do acervo da crítica profissional – ao contrário, sou-lhe grande devedor; mas a perspectiva de escrever sobre literatura me seduzira. Que tal um oitavo romance?, cogitei. A ideia soava simpática, mas não me cativou. E por que não um outro ensaio, desta vez mais amplo, sobre o fenômeno literário em si?

Ao repor os pés no chão, assustei-me com o novo desafio. Não havia hipótese de alguém com minha formação inovar nesse terreno, e o risco de me perder seria nada desprezível. Tentar lançar luz, da perspectiva da minha experiência, sobre grandes escritores, tendo como foco a produção artística de cada um, os métodos de trabalho, a construção das personagens, o desenho das tramas, os segredos do ofício... A tarefa teria magnitude sem precedentes para mim, mas não me dei por vencido.

Voltei a ler e reler a coleção de fichas que só crescera desde o ensaio sobre Garcia-Roza. Instigava-me o anseio, que suponho comum a muitos outros leitores-amadores, de conhecer melhor noções da teoria e da crítica literárias e, bem assim, habilitar-me a desfrutar mais plenamente do sumo prazer que propiciam as sutilezas e as ambiguidades, os caminhos mais ou menos claros, as portas entreabertas da alta produção literária, em prosa e verso.

Intitulei o livro *Conversa sobre literatura*, cujo protagonista devesse ser o leitor. Anima-me a convicção de A. M. Foster, o decano da crítica norte-americana, de que a fruição de obras literárias, tanto quanto de outros gêneros artísticos, não é exclusividade de iniciados; naturalmente, é acessível, também, a leitores sem maior intimidade com esta ou aquela teoria. A ideia a que decidi dar corpo, assim, é a de convocar escritores, críticos, acadêmicos, jornalistas e especialistas das mais diversas épocas, origens, formações e tendências para uma “conversa” com meus eventuais leitores sobre as convergências e divergências de conceitos da teoria literária; a centralidade e a ambivalência das técnicas criativas; o equilíbrio entre a voz autoral e a da narrativa; a onipresença do autor e a autonomia dos personagens; o tratamento da “realidade real” e da “realidade fictícia”; o papel da cumplicidade leitor-autor-narrador – e toda uma gama de aspectos que, frequentemente desconhecidos do grande público, podem estar a seu alcance e, uma vez assimilados, podem revelar-se úteis em sua experiência como leitores de literatura.

Confiei no que pregavam o romancista Joseph Conrad: “Minha tarefa é fazer você [o leitor] ver.”², ou o crítico Wayne Booth: “Minha técnica de escrever ficção não-didática faz parte da arte de comunicação com os leitores.”³ O projeto tem uma característica adicional: o material em torno do qual terão lugar as “conversas” são textos da lavra de interlocutores do mais alto nível, nada menos que alguns dos gigantes da literatura ocidental. O expediente ainda me exime de deitar falação própria sobre questões com as quais melhor lidarei na condição humilde de leitor também, ao lado de todos os que me brindem com sua companhia nesta empreitada. Em uma palavra, o foco deste livro é Sua Excelência o Leitor, com quem pretendo “conversar” página a página, sem jamais esquecer um dado fundamental: a literatura não nasceu para dar respostas, mas, antes, fazer perguntas.⁴ Eu pergunto, e minhas fontes de luxo nessas “conversas” farão a gentileza de responder-nos. Um esclarecimento final. Até as iniciativas mais ambiciosas precisam conhecer limites. No meu caso, a exclusão de poesia e dramaturgia refletiu a consciência de que não conviria improvisar tratamento crítico desses gêneros neste livro. Fixo-me na narrativa de ficção, gênero em que já cometi a deliciosa petulância de exercitar-me e em que me sinto mais à vontade. Espero que me relevem.

*André Amado é escritor e diplomata, com vários livros publicados.

1. Obras por ordem cronológica de publicação: Desde os tempos da esquina. Record, 1989; A casa de dona Iolanda. Maltese, 1992; Exílio nacional. Topbooks, 2001, Prêmio Nacional de Literatura Luiza Claudio de Souza de 2002; Clube dos injustiçados. Record, 2013; Por dentro do Itamaraty. Impressões de um diplomata. Ensaio, FUNAG, 2013; Ao lado da lei. Lisboa, Chiado, 2014; O corpo. Verve, 2016; A história de detetives e a ficção de Luiz Alfredo Garcia-Roza. Ensaio, Ibis-Libris, 2020; e A plataforma. Ibis-Libris, 2020.
2. Apud Booth, Wayne, 1983, p. xx.
3. Booth, 1983, p. xiii.
4. Leyla Perrone-Moysés. 2016, p. 305.

Nova Babel (In)finita de Gilberto Schwartsmann na ABL

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com

Fotos: Michael Félix e Nilton Santolin



Uma viagem pela história da literatura Ocidental está disponível ao público que for visitar a Casa de Machado, até o final deste ano. Trata-se da exposição Nova Babel (In)finita, com uma incrível seleção de obras do acervo do bibliófilo, médico oncologista e escritor gaúcho Gilberto Schwartsmann, cuja mostra com mais de 300 peças chegou à Academia Brasileira de Letras (ABL).

Entre as raridades e primeiras edições que os visitantes terão a oportunidade de conhecer, estão publicações que remontam os primórdios da palavra escrita – tais como *A epopeia de Gilgamesh*, *A Bíblia Sagrada* e *Ilíada* – até obras mais recentes, como as primeiras edições de *Em busca do tempo perdido* e *Ulisses*.

O percurso da mostra ocorre através dos textos – em português, inglês e espanhol – e olhares do escritor argentino Jorge Luis Borges (1899-1986), com a curadoria de Facundo Sarmiento. É Borges (reprodução em tamanho natural) quem recebe o visitante e o leva através de um labirinto de espelhos e painéis hexagonais que remetem a “A biblioteca de Babel”. Neste famoso conto do livro *Ficções* (1944), Borges sugere que o universo é uma biblioteca infinita, que ele descreve em hexágonos, afirmando que o homem vai desaparecer e a história será contada através dos livros. A mostra é ambientada na Biblioteca de Babel de Borges. A artista Zoravia Bettiol fez desenhos em bico de pena, originais, para ilustrar os painéis.

Com seu estilo único de lidar com o real e o imaginário, Borges escreveu sobre a maioria dos escritores e livros da mostra: *A Divina Comédia*, *Dom Quixote*, a dramaturgia de Shakespeare, *Decameron*, passando pelas obras de Montaigne, Charles Baudelaire, Honoré de Balzac, Victor Hugo, Charles Dickens, Franz Kafka, Marcel Proust, James Joyce, entre outros.

As primeiras edições dos grandes escritores brasileiros e latinos não ficaram de fora. Uma ala especial é reservada para autores do porte de Gabriel García Marquez, Fernando Pessoa, Eça de Queiroz, José Saramago, Machado de Assis, Guimarães Rosa e Mario de Andrade.

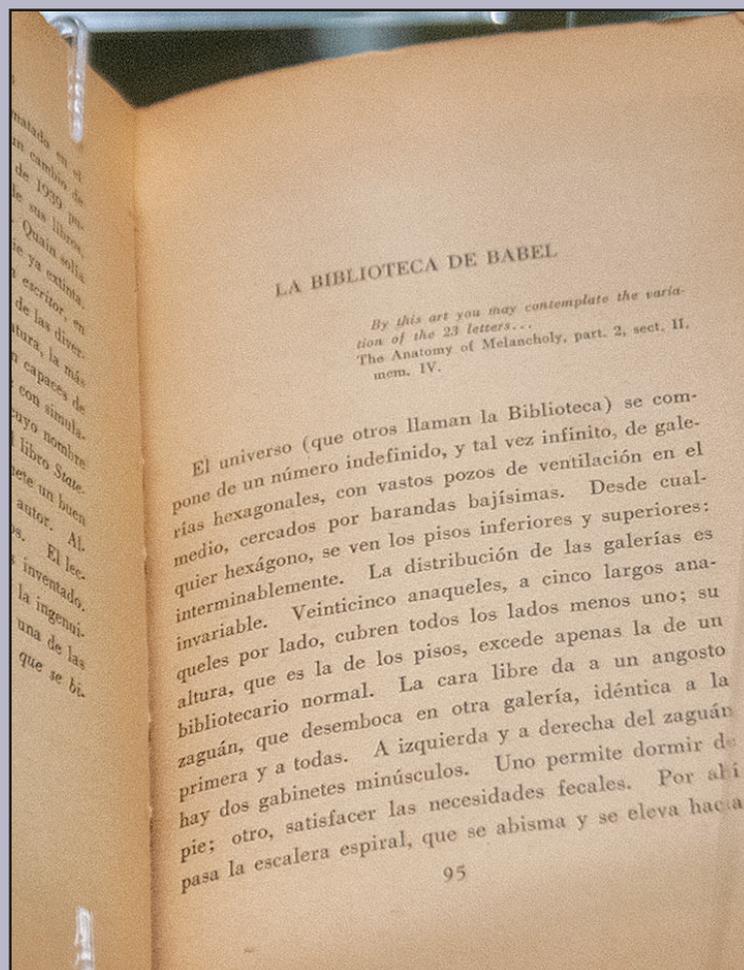
Uma atmosfera borgiana, requintada e misteriosa percorre toda a exposição. No final desse rico recorte do cânone literário Ocidental, sob o olhar de Borges, o visitante recebe uma carta

lacrada do curador Facundo Sarmiento com algumas informações sobre a trajetória percorrida. Vale a pena ir até o fim para descobrir.

A IMPORTÂNCIA DA ARTE

Ao falar sobre a importância da arte, o bibliófilo Gilberto Schwartsmann responde: “O ser humano de hoje é igual aos personagens que Shakespeare descreveu. Está cheio de gente igualzinha à Lady Macbeth, com sua cobiça, e com um temperamento cínico e dissimulado, como o de Iago. O que a arte dá é a possibilidade de ter um pouco de abertura mental, de crítica, além da possibilidade de viajar sem sair do lugar. Porque a vida de um ser humano, cá para nós, é muito complicada, né? A arte permite que a gente saia da dureza da vida.”

O convite da ABL para expor a coleção na Casa de Machado, depois de passar pela Academia Nacional de Medicina, compartilhando-a com um público maior de pessoas, é a realização de um sonho: “A oportunidade e o privilégio de exibir uma nova “Nova Babel (In)finita na ABL é como viver um lindo sonho. Imagino que Borges ficaria muito orgulhoso com o tão generoso convite. Para ele, a visão do Paraíso poderia ser a beleza de uma biblioteca”.



La Biblioteca de Babel, é um conto de Jorge Luis Borges inserido no livro *Ficções* (1944). O conto fala de uma biblioteca infundável cujos volumes conteriam todas as possibilidades da realidade.

GILBERTO SCHWARTSMANN

Por sua dedicação à disseminação do conhecimento, ao pensamento crítico e à busca por uma sociedade mais humanizada, Gilberto Schwartsmann traz um legado importante para a cultura brasileira. Sua influência reverbera nas mentes daqueles que se dedicam ao estudo e à compreensão das complexidades humanas, confiando no enriquecimento intelectual e cultural do país.

Presidente da Fundação Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (Fospa), membro da Academia Nacional de Medicina e professor titular da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, entre outros títulos, o notável colecionador literário é também presidente da Associação de Amigos do Theatro São Pedro. Presidiu a Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, a Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul e a Bach Society Brazil. Recebeu várias distinções no Brasil e no exterior, dentre elas o "Prêmio de Destaque Cultural" pela Associação Rio-grandense de Imprensa.

É escritor, com obras traduzidas para o espanhol e para o francês. Entre os livros publicados, estão *Gabinete de Curiosidades* (texto que foi adaptado para o teatro) e *Divina Rima: Um diálogo com a Divina Comédia, de Dante Alighieri*, além de *A Amante de Proust*, *Frederico e Outras Histórias de Afeto*, *Max e os Demônios*, *O Sol Brilhou na Corruptônia*, *Acta Diurna* e *Meus Olhos*.

Medicina e literatura sempre andaram juntas na vida de Schwartsmann, que ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1973. Formou-se médico em 1979 e logo foi nomeado presidente da Associação dos Médicos Residentes do Hospital de Clínicas de Porto Alegre.

Em 1982, realizou o Fellowship em Oncologia Clínica pela Universidade de Londres. Três anos depois, na Free University de Amsterdam, obteve o título de PhD em Oncologia Clínica e Farmacologia de Drogas Anti-Câncer. Em 1989, foi aprovado em primeiro lugar em concurso público internacional para o cargo de Diretor do New Drug Development Office da European Organization for Research and Treatment of Cancer (EORTC). Foi o primeiro oncologista latino-americano a receber tal distinção. No período, completou o seu pós-doutorado.

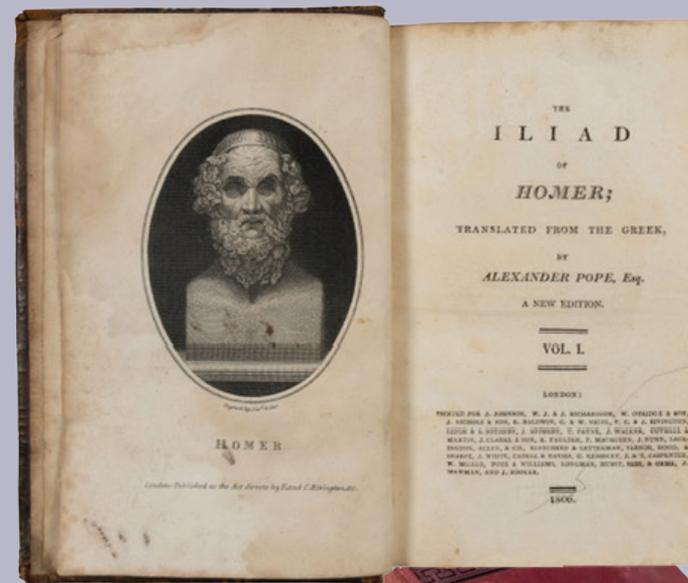
O colecionador começou a surgir ao longo da vida, despertado pela paixão literária. Primeiro, foram edições de *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri, em paralelo a Marcel Proust e Ernest Hemingway, não parando mais.

Casado com a médica e historiadora Leonor Schwartsmann (com quem tem dois filhos, Laura Carolina e Guilherme), o casal vive num amplo apartamento de dois andares, no bairro Moinhos de Vento. É lá que acumula raridades e preciosidades, como primeiras edições em francês, inglês, espanhol e italiano de obras de James Joyce, William Faulkner, Thomas Mann, Fiodor Dostoiévski, Tchekov, Tolstói (Os russos são outra de suas obsessões), além de quadros espalhados pelas paredes de artistas como Tarsila do Amaral, Burle Marx e Cícero Dias. Nos momentos de lazer, Gilberto é pianista e produtor de vinhos artesanais.



Uma atmosfera borgiana, requintada e misteriosa percorre toda a exposição Nova Babel (In)finalita, que poderá ser apreciada até o final de janeiro de 2024 na ABL.

A exposição Nova Babel (In)finalita traz obras do acervo do bibliófilo, médico oncologista e escritor gaúcho Gilberto Schwartsmann.

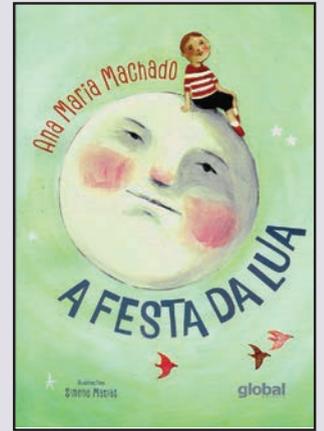


Amigos para sempre

Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: amor.anna2014@gmail.com



A Festa da Lua (Global) – Ana Maria Machado (ilustrações de Simone Matias), mestra das boas histórias, cria o mundo de Caê, menino que vive descobrindo coisas que os adultos não têm tempo para ver. Ultimamente Caê está encantado com a Lua e suas fases. Ele acaba por motivar os pais nessa observação diária e todos participam de uma festa especial. Vocês também estão convidados!



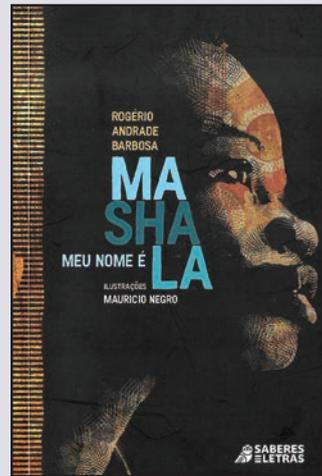
Um mundo de cabeça para baixo. Dor, sofrimento, consternação, revolta, guerra. Entre a fumaça das bombas, a reza silenciosa para que tudo passe e que os adultos possam tornar esse mundo melhor para as crianças.

As imagens criadas por Banksy na Ucrânia revelam a incoerência e a insensatez da guerra. Os poderosos ao longe, com o poder de vida e morte de seus comandados.

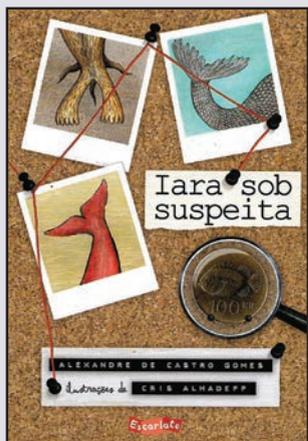
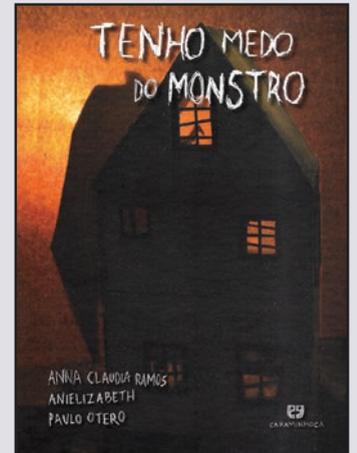
Talvez comovida pelas imagens de bombas e sofrimentos, resolvi me refugiar nas histórias e na solidariedade dos amigos. Amigo – palavra que nos envolve em ternura, saudade, abraços e carinho. Podem estar longe, mas estão sempre presentes ao nosso lado, com exemplos de coragem, de criatividade, de perseverança, de amor.

Não consegui reunir todos aqui, mas os que aqui estão homenageados, refletem os muitos que estão sempre comigo. A eles dedico o meu afeto e admiração. Caminhemos juntos, com a realidade, mas sem pessimismo, colocando nas histórias toda a nossa esperança por um mundo melhor. E os que ainda não são amigos, sintam-se convidados! Amigos são para sempre!

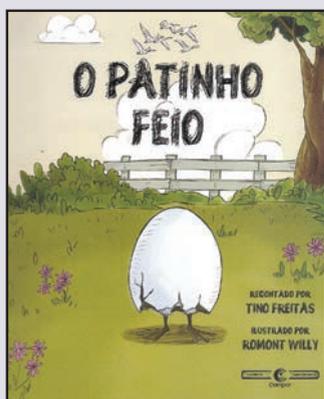
Meu Nome é Mashala (Saber e Letras) – Rogério Andrade Barbosa narra uma história real, com cenas de violência e tristeza que bem sabemos ser consequência de colonizações cruéis e desumanas acontecidas na África. Mas, sensibilidade, ternura e amor estão em todas as páginas deste belo livro. Maurício Negro magicamente transforma a tristeza em arte! Lindo!



Tenho Medo do Monstro (Caraminhoca) – Quatro amigos queridos se uniram para a realização deste livro sensível e de denúncia! Sérgio Alves, o editor da Caraminhoca, Paulinho Otero e Anielizabeth cuidaram do genial projeto visual e das ilustrações, e Anna Cláudia Ramos, com sensibilidade e emoção, escreveu uma história de medos e de monstro. Não podemos esquecer, há muitos monstros mais próximos do que se pensa!

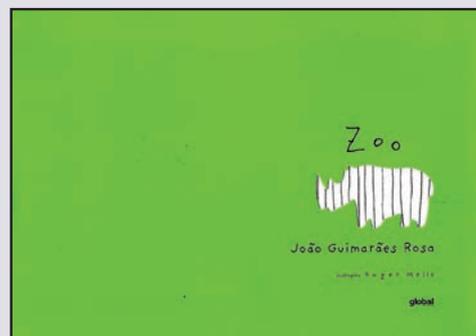


Iara sob Suspeita (Escarlate) – Alexandre de Castro Gomes (primo por linhas tortas e curiosas) retorna ao tema dos personagens do folclore em mais uma aventura policial divertida. Neste terceiro livro da série que teve início com *Quem Matou o Saci?*, seguido por *Procura-se o Curupira*, o autor traz os seres folclóricos das águas, acompanhados pelas fichas criminais de cada um, criadas por Cris Alhadef. As histórias são independentes, mas quem ler uma certamente vai ficar curioso para ler as outras. Um carinho especial para Elisa Zanetti, que cuida com carinho das edições.



O Patinho Feio, Chapeuzinho Vermelho e Os Três Porquinhos (Compór) – Mais amigos queridos em uma coleção que rememora contos tradicionais que fizeram parte da nossa infância e do nosso imaginário. Tino Freitas escreveu, Romont Willy ilustrou e Lourdinha Mendes colocou o seu dedo mágico para

editar este belo conjunto de livros e, felizmente, contar a história como ela é!



Zoo (Global) – Zoo apresenta a genialidade criativa de Guimarães Rosa no seu olhar o mundo. O autor descreve de forma quase poética a sua visão de animais em Zoológicos, visitados em suas viagens pelo mundo. A seleção das frases feita por Luiz Raul Machado

encontra em Roger Mello o artista ideal (e genial) que dá vida e cor à obra. “O cachorro vive as sobras da vida humana... O macaco, suas sombras.”



Os Dengos na Moringa de Voinha (Brinque-Book) – Para terminar, e injetar um pouco de esperança e afeto nesses tempos difíceis, fui buscar o cafuné e o chamego neste livro delicioso que traz afeto, ancestralidade, carinho e tradição. Ana Fátima escreveu e Fernanda Rodrigues ilustrou. Quase senti o cheiro do feijão no fogão a lenha, aquecendo o coração. Que *Os Dengos na Moringa de Voinha* possam se espalhar levando afeto a esse mundo doido!

BCB Biblioteca Cultural Básica

O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

acervo JL



ROSA MONTERO GAYO

(Madrid, 3 de janeiro de 1951) Jornalista e escritora espanhola. Rosa Montero começou a escrever após ter sofrido de tuberculose na infância. Cursou jornalismo

(1969). Tem quatro cursos de psicologia da universidade Complutense de Madrid (1969-1972). Escreve para jornais argentinos (como o *Clarín*), chilenos (*El Mercurio*) e já colaborou com redações Alemãs, Francesas e Inglesas. Em 1979, publicou seu primeiro romance *Crónica del Desamor*. Escreveu 27 livros desde então. Detentora de uma consagrada carreira jornalística, trabalhando no jornal *El País* desde 1977, no qual foi redatora chefe de 1980-1981. Os seus artigos são usados regularmente no ensino secundário e aparecem em provas nacionais. Também são usadas no estrangeiro como demonstra o Prêmio AFDE (que recebeu em 2012 na França). Foi professora na Universidade de Belfast no Reino Unido. Ensinou literatura e jornalismo na escola de Letras e na escola Contemporânea de Humanidades, em Madrid. Tem dado palestras em aberturas de cursos de Pós-graduação em várias universidades, como em Salamanca, Complutense e Carlos III. Já participou em centenas de Simpósios, conferências e encontros na Europa, América, Ásia e África, México, EUA, Reino Unido, Alemanha, Itália, França e Egito. No Brasil, oito de seus livros foram publicados: *Paixões, Histórias de Mulheres e Muitas Coisas que Perguntei e Algumas que Disse* (todos de não-ficção), *A Louca da casa, História do Rei Transparente, A Filha do Canibal, Instruções para Salvar o Mundo e Lágrimas na Chuva* (romances).

acervo JL

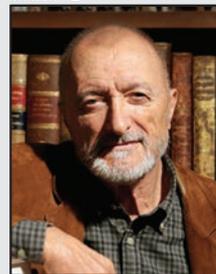


JAVIER MARÍAS FRANCO

(Madrid, 20 de setembro de 1951 – Madrid, 11 de setembro de 2022) Escritor, tradutor e editor espanhol, membro da Real Academia

Espanhola. É considerado um dos romancistas mais relevantes da literatura espanhola contemporânea. Licenciou-se em Filosofia e Letras pela Universidade Complutense de Madrid. Em 1970, escreveu o seu primeiro romance, intitulado *Los Dominios del Lobo*. Entre 1983 e 1985, passou a lecionar Literatura Espanhola e Teoria da Tradução na Universidade de Oxford, no Reino Unido. Também lecionou, em 1984, no Wellesley College, em Boston, EUA e, entre 1987 e 1992, na Universidade Complutense de Madrid. Em 1988, lançou o romance *Todas las Almas*. O romance *Corazón tan Blanco* (1992) fez muito sucesso, assim como, *Mañana en la Batalla Piensa en mí* (1994). Em 2002, lançou *Tu Rostro Mañana*. Devido à sua extensão, superior a 1.500 páginas, foi publicado em três partes: *Fiebre y Lanza*, em 2002, *Baile y Sueño*, em 2004 e *Veneno y Sombra y Adiós*, em 2007. Em 2006, foi eleito membro da Real Academia Española de la Lengua, e considerado um dos escritores mais importantes da língua castelhana. Desde 1971 escreveu mais de trinta obras, entre romances, ensaios e coletâneas de artigos e contos. Seus livros já foram traduzidos em mais de trinta idiomas e venderam mais de quatro milhões e meio de exemplares em todo o mundo. Marías morreu em 11 de setembro de 2022, aos setenta anos de idade, em Madrid, por causa de uma pneumonia associada ao Covid-19.

acervo JL



ARTURO PÉREZ-REVERTE

(Cartagena, 24 de novembro de 1951) Novelista e jornalista espanhol. Desde o ano de 2003 é, também, membro da Real Academia Espanhola

da língua. Ele é formado em Jornalismo pela Universidade Complutense de Madrid, e a suas obras estão traduzidas em quase trinta idiomas. Antigo repórter de guerra, passou a escrever romances como *O Cemitério dos Barcos sem Nome, Território Comanche, O Hussardo, O Pintor de Batalhas* e os seis romances da série de aventuras *Capitão Alatriste*. Afirmou virar repórter de guerra para vivenciar as aventuras que tinha lido nos livros. Em 1988, publicou *O Mestre de Esgrima*. Este romance foi incluído entre os cem melhores em espanhol do século XX pelo jornal *El Mundo*. Esteve várias vezes no Brasil, país que definiu como “fascinante”. Nos artigos que publica cada domingo na revista *XL Semanal*, faz críticas variadas Estes artigos foram publicados nos seguintes livros: *Patente de Corso* (1993-1998), *Con Ânimo de Ofender* (1998-2001), *No me Cogereis Vivo* (2001-2005) e *Cuando Éramos Honrados Mercenários* (2005-2009). Usuário ativo no Twitter, já criou inúmeras polêmicas. Em 1998, publicou um duríssimo artigo contra o capitalismo global que profetizou a crise econômica mundial. Esse artigo fez muito sucesso na internet quando aconteceu a crise na Espanha. O romance *O Sniper Paciente* tem como argumento a pichação e o grafite. Para escrevê-lo, fez amizade com grafiteiros.

Começou mais uma guerra

Por Marli Gonçalves*

Abra os olhos. Não dá pra desejar Bom Dia. Fomos dormir e na madrugada, distante, mas como se fosse bem ao nosso lado, a festa de música eletrônica é interrompida por bombardeios e ataques de todos os lados. Estamos em guerra também, de alguma forma.

Não consigo parar de pensar naquela turma toda que se divertia na rave baticundum, colorida, lisérgica, animada. À altura do ataque, muitos já deviam estar se preparando pra voltar para casa, cansados. Outros, possivelmente estavam tão embriagados ou drogados que talvez nem tenham percebido o que ocorria, não tenham se dado conta, sem condições de correr, fugir, pensar. Encontros desfeitos, amores perdidos. Não se fez silêncio. Os sons do horror, imaginamos. Centenas de mortos, tantos outros sequestrados e ainda em poder do Hamas, o grupo terrorista que abriu, na verdade, escancarou, a boca do inferno ao atacar Israel, começando pela festa mais próxima que encontraram do território que dizem defender.

A partir daí, da manhã do sábado, 7 de outubro de 2023, ninguém mais pode ter paz ao redor do mundo, que agora acompanha, alarmado, minuto a minuto, a escalada do conflito. Seja por ter alguém ainda ali por perto, seja por esperar que este alguém seja resgatado em segurança, seja por saber que ali, na verdade, nada mais pode ser considerado seguro, em qualquer dos lados, nenhum lugar. As bestas foram soltas, e não sabemos o que fazer para que retornem. No fundo, no fundo, intuimos que não há mais, mesmo, volta. Mísseis cruzam os céus, exércitos de drones furam bloqueios, milhares de jovens agora são convocados para fronts de sons malignos, atendendo a ordens de vida e morte.

Elementos que conhecemos, polarização, religião, violência, raivas históricas, se misturam. Líderes totalitários lutando pelo poder, mesmo que nem

sempre – quase nunca – representem a vontade de seus liderados, e serão eles, nós, os atingidos. Os fatos se repetem em escala maior ou menor ao redor do planeta, e nem todos percebem sua real gravidade, repetindo um mantra de que é coisa de lá de longe.

Mas esse longe se aproxima. E a diferença é que acompanhamos a realidade como quem vê filmes no streaming. As imagens são abundantes e, ainda, além, das produzidas pelas máquinas de guerra onde a primeira vítima é sempre a verdade.

Se foram mortos decapitados, dentro de suas casas, nos bunkers onde se abrigavam pensando que todos os ataques viriam apenas do céu. Se estão morrendo de fome, sede, em seu êxodo, mulheres e crianças, ouvimos seus choros, os gritos, vemos corpos espalhados, funerais coletivos, vilas e cidades inteiras arrasadas. Como é possível apoiar qualquer um desses lados? O que ataca se foram atacados, o que reage, e nesse caso em uma correlação de forças praticamente desleal, e foi incredivelmente a parte mais fraca a que botou fogo no pavio. Como descrever o turbilhão de sentimentos que afloram nos povos envolvidos que também passam a se debater além daquelas fronteiras?

Viramos imediatamente, além de técnicos em futebol, especialistas em guerra, geopolítica, ideologias, uns cobrando aos outros posições, como se estas pudessem extinguir o mal maior dos extremistas. As redes sociais repletas de imagens como se todos estivessem na cobertura aguardando – em suas salas seguras – invasões, explosões, a destruição de entradas e saídas, as ainda inúteis tentativas diplomáticas.

As informações desconstruídas, os apelos de familiares em busca de desaparecidos. E, ainda, completando, as ridículas brigas entre jornalistas procurando palavras com lupa em matérias e comunicados oficiais, mais uma vez certificando a polarização, a identificação como terroristas ou não, quando tudo isso já está tão claro diante de nossos olhos. Sempre esteve, mas estamos com o terrível hábito de justificar guerras, muitas empurradas pelo tempo, ódio acumulado, esquecidas pelos continentes. Até que nos atinjam, como esta agora, contrapondo dois povos com direito a viver e em paz, cada um em suas terras.

Embora não exista mais qualquer lugar seguro – e isso é evidente.

*Marli Gonçalves é jornalista, consultora de comunicação, editora do Chumbo Gordo, autora de *Feminismo no Cotidiano – Bom para mulheres. E para homens também*, pela Editora Contexto.



Por Zé Roberto



zerobertograuna@gmail.com

SANTOS DUMONT

ATEMPORAL

A conquista da dirigibilidade, feito histórico de Alberto Santos Dumont, realizado a 13 de julho de 1901, imortalizou o inventor brasileiro e o transformou numa das maiores celebridades de seu tempo. A imagem de seu dirigível nº 5 contornando a Torre Eiffel, em Paris, percorreu o mundo e é, até hoje, uma das marcas do avião brasileiro. Santos Dumont não parou por aí, nos anos seguintes, se manteve na mídia e na moda e, em 12 de novembro de 1906, realizou também outro feito marcante voando no seu famoso avião, o 14 Bis. Depois, veio também o Demoiselle, possivelmente seu invento mais perfeito, e uma série de aparições que deixou seu nome gravado em centenas de matérias jornalísticas, uma enorme coleção de livros biográficos e versões de seus feitos em Histórias em Quadrinhos. Sua chancela nunca mais deixou de ser mencionada pela imprensa como o maior visionário brasileiro da História. Mesmo após sua morte prematura, em 23 de julho de 1932, o inventor brasileiro sempre ressurge em algum artigo, livro ou projeto cultural interessante.



Recentemente, por conta dos 150 anos de seu nascimento (Monsieur Santô nasceu em 20 de julho de 1873), a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos lançou belíssimo bloco de 3 selos comemorando a importante data. A peça filatélica é composta com interessante ilustração criada pelo talentoso Cordeiro de Sá, onde vemos três cenas do homenageado. Numa criativa arte desenvolvida em técnicas digitais, o desenhista estampou um Santos Dumont de braços abertos e com raro sorriso, detalhe que só os fãs do inventor brasileiro perceberam. São raríssimos os registros fotográficos em que Santos Dumont foi flagrado sorridente. Quase sempre o avião era fotografado muito sério e, até certo ponto, sisudo e com olhar melancólico, até mesmo em seus melhores momentos comemorando suas conquistas. No bloco lançado pelos Correios, além da bela imagem de Dumont sorrindo com os braços abertos e cercado de suas máquinas voadoras, vemos mais duas cenas na base do conjunto que exhibe o menino Alberto brincando e correndo como se estivesse se preparando para voar e, na outra, o 14 Bis num voo fictício nos céus de Petrópolis tendo sua famosa casa, a Encantada, como cenário. Nestas duas imagens, as frases, escritas com fonte muito semelhante à caligrafia do consagrado brasileiro, “Homem voa” e “As coisas são mais belas vistas de cima”, acompanham as ótimas ilustrações, num conjunto perfeito e de muito bom gosto.



CORDEIRO DE SÁ

Nascido em Campinas, no dia 3 de novembro de 1972, o desenhista Cordeiro de Sá é, como ele mesmo se define, autodidata e filho de uma professora de artes. Na infância, cursou artes e teatro com o artista plástico Joviniano Cunha e com o pintor e desenhista Roberto Mícole, além de ter se “formado” graças às aulas do lúdico Daniel Azulay nos programas de televisão. Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela USP, o artista tem participações interessantes no prêmio HQ-Mix (devido ao seu trabalho como editor da RPHQ – Ribeirão Preto em Quadrinhos) e menções honrosas pelo festival Anima Mundi, mas considera que o prêmio mais relevante que recebeu foi concedido pela Câmara Municipal de Ribeirão Preto, sendo agraciado com o Título de Cidadão Ribeirão-pretano por sua relevante dedicação à cultura, educação e serviço social ao município.

O ilustrador chamou a atenção dos Correios, em 2022, a partir da publicação do *Almanaque do Brasil nos tempos da Independência*, do professor Jurandir Malerba, da Editora Ática, que abriu caminho ao convite para criar o bloco filatélico “Bicentenário da Independência/Personalidades”. Com a boa receptividade deste primeiro trabalho, Sá foi novamente convidado para desenvolver a bela peça de 3 selos em comemoração aos 150 anos do nascimento do Pai da Aviação.

Cordeiro de Sá pode ser visitado pela internet no link: linktr.ee/cordeirodesa.

E para saber mais sobre os 150 anos de Santos Dumont, o leitor do *Jornal de Letras* pode também visitar o site fab.mil.br/santosdumont150anos/, da FAB – Força Aérea Brasileira, e conhecer sobre as comemorações da importante data.

Saúde e Arte!



Antiguidades, modernidades e livrarias

Por Getúlio Marcos Pereira Neves*

Não sou assim tão antigo, mas já começo a me ressentir da falta que fazem certas pessoas e determinados estabelecimentos. Ficarei pelos últimos: em certa época ir ao Rio de Janeiro foi para mim sinônimo de visitar a Guitarra de Prata e outras casas de comércio musical, na rua da Carioca, e a Modern Sound de Copacabana, na altura da Santa Clara. Ainda no Centro, entre uma visita ou outra a Santa Cruz dos Militares e à antiga Sé (que servia também de abrigo contra o calor surreal de certos dias cariocas), a ida à Livraria da Travessa, no antigo endereço da Sete de Setembro, à Arlequin, no Paço Imperial, e à Cultura, na Senador Dantas, eram obrigatórias. Hora do almoço pedia um chope bem tirado para acompanhar o aperitivo no Bar Luiz.

Tudo isso é lembrança. Mas não se trata de propaganda nem de saudosismo: relembro aqui endereços comerciais que me eram caros. Para um ex-acadêmico de engenharia da Pontifícia Universidade Católica que acabou seguindo outros rumos, o retorno à cidade para rever parentes e amigos me mantinha atualizado quanto a novidades e lançamentos. Tempos depois, os meus periplos pelo comércio carioca passariam a se espremer entre as agendas das atividades no Instituto Histórico e Geográfico. A partir daí muitas quartas-feiras eu as passei assim, só retornando a Vitória no último voo.

O mesmo costume de fuçar endereços culturais cultivo ainda hoje em Lisboa. Quando das visitas (que a certa altura, egresso da Faculdade de Direito e por isso ex-morador da cidade,

foram anuais e regulares) a ida à Bertrand, no Chiado, e à livraria Sá da Costa, mesmo em frente, eram pretexto para encher a mala de livros que quase sempre excediam na volta o peso permitido. Se esses endereços se mantêm ainda hoje, no entanto “perdemos” a Livraria Lello da rua do Carmo, que oferecia inúmeros e preciosos títulos. Já a Fnac dos Armazéns do Chiado, rua do Carmo acima, continua para mim imbatível se o assunto é música, clássica em geral e portuguesa em particular. Mesmo não podendo saber se, ante a vertiginosidade meio artificial dessa modernidade que nos é imposta diariamente, encontrarei cds e dvds por lá na próxima visita.

Modernidade, aliás, que vai tornando cada vez mais difícil a salutar atividade de garimpar livros em livrarias de verdade: agora o fazemos entre catálogos on-line, nos sites que põem eventual encomenda a “um clique” do nosso cartão de crédito. Prático, não há dúvida, mas acaba subtraindo ao verdadeiro apreciador o prazer de percorrer os corredores entre bancas e estantes de livros e de discos. Por onde, aliás, não se tomando o devido cuidado, e a depender da variedade do catálogo, muito facilmente perdem-se horas a fio entre capas, orelhas e contracapas.

Por tudo isso, não é de admirar que certos estabelecimentos livreiros que (ainda) permanecem firmes apesar dos tempos que correm se tornem cada vez mais icônicos para o público em geral, e não só pelo produto que comercializam. Citar a livraria Lello, no Porto, e “por aqui por perto” a El Ateneo, de Buenos Aires, e a Más Puro Verso, de Montevideú, é obviedade de que não consigo me furtar. É que as três merecem, mesmo que só pelo interesse arquitetônico, as filas de visitantes diários que a elas acorrem. Coragem, pois, aos livreiros, e que tenham vida longa as livrarias que ainda sobrevivem.

*Getúlio Marcos Pereira Neves é membro do PEN Clube do Brasil.

Noites brancas e pretas

Por Raquel Naveira*

Um meteoro cruzou o céu de minha cidade. Foi um estouro cintilante. Um fragmento interplanetário. Uma aparição fugaz, cheia de filamentos, como uma lâmpada acesa e quente na atmosfera daquela noite. Noite de estrelas cadentes, de desejos que pulsaram como bólidos em meu peito.

Há noites brancas e pretas. As noites brancas são cheias de angústia, de vazio, de aridez e secura. Estranhos terrores povoam nossa mente como fantasmas. Somos beduínos envoltos em mantos de lã branca, perdidos entre as dunas, os anéis de Saturno brilhando sobre nossas cabeças. O sono não vem. A vigília prossegue, enquanto o leite da lua agrava nossa loucura. Já as noites pretas, de trevas fermentadas, de espaço constelado, de véus sombrios, são o tempo propício para germinações, provas, segredos ocultos que se manifestarão de forma plena, quando vier a aurora com seus tons de pérola.

Noites Brancas é o título de um conto do escritor russo Dostoiévski (1821-1881). Uma história romântica, sensível, delicada. Um rapaz solitário conhece uma bela moça, de chapeuzinho amarelo e mantilha negra, chorando encostada numa ponte de São Petersburgo, numa noite branca. Era verão, quando escurece muito tarde. O sol se punha aos poucos, abaixo da linha do horizonte, prenunciando uma madrugada estatelada como claras de ovo em neve. Realmente, o ambiente todo do conto parece esbranquiçado, nevoento. Tornam-se amigos. Durante quatro noites, naquele mesmo lugar, eles se encontram e conversam sobre suas

vidas, amores, livros e esperanças. O nome dela era Nastenka. Ele permanece um anônimo sonhador. O rapaz se apaixona, mas o coração de Nastenka espera por outro, por uma promessa, pelo ideal ausente. O eterno confronto entre nossos sonhos e a busca real da felicidade, que, às vezes, está ao nosso lado e não vemos. Um momento de júbilo, de gratidão, seria suficiente para uma vida inteira? É o que ele se indaga, enxugando as lágrimas do rosto dela.

Ah, Dostoiévski! Como amo esse misto de sofrimento e culpa; essa sua capacidade de se exprimir sobre o difícil livre-arbítrio, que limita as escolhas e as consequências nos destinos; esse seu dom de mostrar como somos passíveis de destilar amor infinito e também mal infinito. Bom ler seus romances em noites brancas, esclarecedoras, sem quase acreditar que um homem pode saber tanto sobre o mistério da existência e da espiritualidade.

As noites pretas, conheci outrora, nas fazendas sem luz elétrica. Noites ornamentadas de astros. Estelantes. Lembro-me de uma ocasião, em especial. Estávamos sentados na varanda quando ouvimos um carro chegando, rente à porteira. Saímos andando pelo campo, de mãos dadas, indo ao encontro do visitante. O negror era tamanho que, não fosse a luz da lanterna, não veríamos nossos pés, nossos passos na grama. Desligávamos a lanterna por um instante e vinha a sensação de que tropeçaríamos, sem ver onde estávamos pisando. No foco da luz, passeavam insetos, formigas carregando imensas folhas. Quando apagávamos, o coração se confrangia, pois poderiam surgir cobras e escorpíões. Caminhávamos com passos firmes, um passo de cada vez, sob a luminosa direção, orientados pelo farol. Na porteira, o visitante nos aguardava de pé, os braços abertos de pai e amigo.

Foi numa noite assim, preta, que o meteoro cruzou o céu de minha cidade, como um efêmero foguete.

*Raquel Naveira é da Academia Mato-grossense de Letras.

De sinônimos e antônimos

Por José Augusto Carvalho*

A sinonímia é a propriedade que têm dois ou mais termos, expressões ou palavras reais e instrumentos gramaticais de se empregarem um pelo outro sem prejuízo do sentido, dependendo do contexto. Por essa definição entende-se que existem dois tipos de sinonímia: a das palavras reais e a dos instrumentos gramaticais.

A sinonímia gramatical é a que se verifica com prefixos, sufixos, raízes e conjunções, como, por exemplo, *in-* e *des-* (que significam negação: inabitado/desabitado), *-eiro* e *-ário* (que significam estado, profissão: costureiro/funcionário), *digit(i)* e *datilo*, que significam dedo (digitação/datiloscopia), *pois* e *porque* que relacionam causa e efeito (choveu, pois, a rua está molhada/porque a rua está molhada).

As gramáticas, contudo, estudam a sinonímia lexical, isto é, a de termos ou palavras reais, como erguer/levantar, chato/enfadonho, causa/motivo.

O problema maior da sinonímia está em acreditar que o emprego de um termo por outro se processa nos dois sentidos. Em muitos casos, é possível substituir um termo pelo seu equivalente sinonímico sem alteração semântica, como nos pares seguintes: notar/observar, despido/nu, prerrogativa/privilegio. Mas a sinonímia nem sempre é simétrica, recíproca ou bitransitiva (bitransitivo aqui entendido como “o que transita em duas vias”). O sentido do texto é que vai permitir a substituição de um termo por outro sem alteração semântica. A sinonímia deve ser estudada como contextual. Assim, podemos dizer que, na frase seguinte, “mãe” é sinônimo de “causa”: “A ociosidade é a mãe de todos os vícios.” Mas não podemos dizer que a invasão da Polônia foi a mãe da II Guerra Mundial. É importante que se leve em conta a metáfora. Em “um monstro de ser humano”, monstro é sinônimo de horror; em “um monstro de inteligência”, monstro é sinônimo de colosso! No primeiro caso, é uma ofensa (ser humano cruel); no segundo, um elogio (pessoa inteligentíssima).

Pássaro é uma das treze ordens de aves. Podemos dizer que o gavião e o pavão são aves, mas não podemos dizer que são pássaros, porque o gavião é rapineiro, e o pavão é galináceo. Aves, portanto, é um termo de significação mais abrangente que inclui desde as corredoras (como a ema e o avestruz) aos palmípedes (como patos e gansos). Quando uma palavra tem um sentido genérico, de menor especificidade, que abrange e inclui o significado de várias outras, dizemos que essa palavra é um hiperônimo. *Flor*, por exemplo, é um hiperônimo que inclui rosa, violeta, jasmim, margarida etc. Por sua vez, *rosa* é hipônimo de flor. *Veículo* é um hiperônimo que inclui carro, bicicleta, moto, ônibus etc. Por sua vez, *velocípede* é um hipônimo em relação a veículo. Por causa do conceito de hiperônimo/hipônimo, fica sem sen-

tido definir pronome como substituto de nome, já que o hiperônimo substitui nome sem ser pronome: “O automóvel capotou na curva. A perícia verificou que o veículo estava com os pneus carecas.” A palavra *veículo* substitui *automóvel* e não é pronome. E há pronomes que não substituem nome algum, como o inglês “it”, o alemão “es” e o francês “il” na frase equivalente a “chove”: *it rains, es regnet, il pleut*.

O hiperônimo, *grosso modo*, equivale à ideia de extensão, em lógica; e o hipônimo, à ideia de compreensão. *Animal*, por exemplo, significa: “ser que vive”, “que sente” e “que se move”, ideia que se estende a todo ser que vive, que sente e que se move, desde a pulga ou a minhoca ao elefante ou à baleia. *Homem* tem maior compreensão que animal, porque inclui “racional” em seu significado, mas tem menor extensão porque limita a ideia de animal a um único tipo de ser que vive, que sente e que se move. Assim, *homem* é hipônimo em relação a animal, porque tem uma extensão menor. O hiperônimo, assim como a extensão, inclui um universo maior em seu significado. Assim, *assento* oferece uma ideia ampla (extensão) de objetos que inclui cadeira, poltrona, banco, sofá etc. *Sofá*, por sua vez, oferece uma ideia restrita (compreensão) de assento. Quanto maior a extensão, menor a compreensão, isto é, quanto mais genérico for um termo, menos preciso ele é.

O oposto a sinônimo é antônimo, que também é normalmente contextual. Recorde-se que nem sempre um antônimo tradicional se pode opor ao seu par: *seco* se opõe a *molhado*, mas *vinho seco* não se opõe a *vinho molhado*, que é expressão inexistente. Da mesma forma, *dias úteis* não se opõe a *dias inúteis*, *vinho verde* não se opõe a *vinho maduro*, *crime organizado* não se opõe a *crime desorganizado*, *arraia-miúda* não se opõe a *arraia-graúda*, que não existe, assim como *alta-roda* (alta sociedade) não se opõe a *baixa-roda*, que também não existe.

Curiosamente, há antônimos consagrados indevidamente, como verdade/mentira. Verdade é um problema lógico; mentira é um problema moral. Só pode mentir quem conhece a verdade, mas prefere sonegá-la. Já erro (problema lógico ou paralógico) é que seria o verdadeiro antônimo de verdade, já que a pessoa que erra desconhece a verdade. Um erro dito por alguém pode levar o ouvinte a crer que esse alguém minta, já que o erro é a não coincidência da expressão com o objeto, exatamente como a mentira, que também é a não coincidência da expressão com o objeto. A diferença é que, no erro, a expressão coincide com o pensamento de quem se expressa, enquanto que, na mentira, o pensamento contraria a expressão do falante. Como não podemos saber o que está pensando a pessoa que fala, dizemos, para não agredir, que ela faltou à verdade. *Faltar à verdade* é sinônimo tanto de *errar* quanto de *mentir*, porque em ambos os casos a verdade faleceu. Mas a expressão *faltar à verdade* não ofende e traduz adequadamente a descrença ou a ideia de quem ouve.

*José Augusto Carvalho, mestre em linguística pela Unicamp e doutor em Letras pela USP, é autor de vários livros sobre língua portuguesa, entre os quais a *Gramática Superior da Língua Portuguesa e Estudos sobre o Pronome*, ambos pela Thesaurus, de Brasília.

Ve[dor] de estrelas

Por Diogo Mendes Sousa



Maldormido chão.
Maldormido céu
sem nuvens.
Maldormida lua.

Sinto os maldormidos tempos
caminharem
na sonolência
e na vaziez dos acordes
das maldormidas
auroras.

Silêncio de maldormidas quedas...
Maldormidas ruínas...

Como o trágico atordoa?
Como a tristeza apavora?
Como a insônia incomoda?

Maldormidas vidas.
Maldormidas dores.
Maldormidas horas.

Os pássaros amanhecem
as árvores...

O sol acorda os pássaros...

As árvores
e os pássaros
choram
a música
do destino
ao vento...

Maldormidos presságios.
Maldormido vedor
de estrelas.
Maldormido mar
da minha alma.
Maldormido rio
do meu deserto.

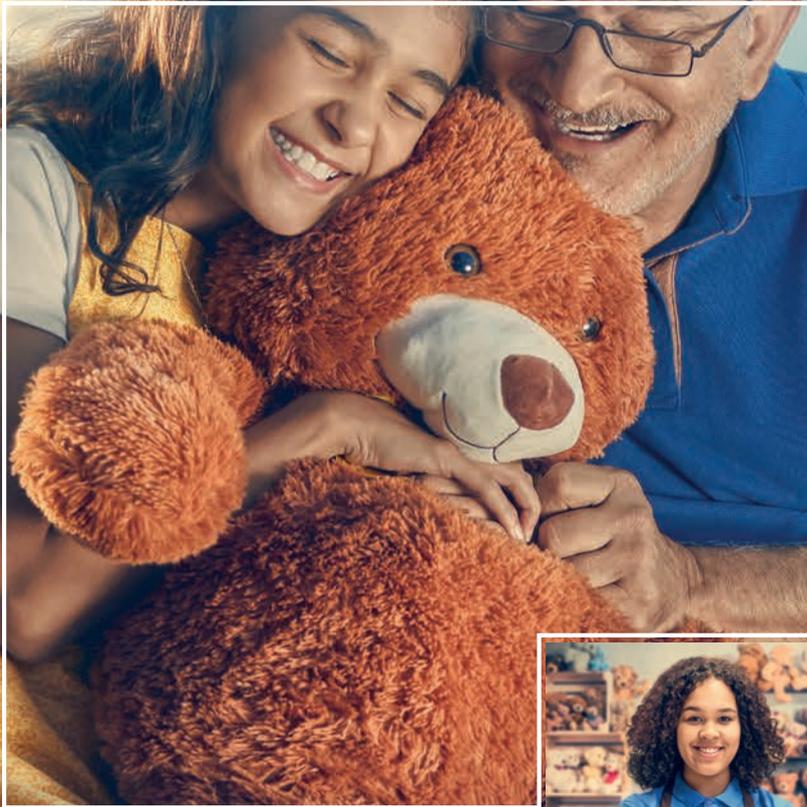
Marcha idílica
de maldormidos abismos
da minha terra.

Maldormidos sinos.

Foto: Igreja de Santo Antônio, na Parnaíba, Norte do Piauí. © Jairo Nunes Leocádio.

Em todos os momentos da sua vida,
**o comércio de bens,
 serviços e turismo está lá.**

#emtodososmomentos



A vida é feita de emoção. De sonhos e conquistas.
 De planejamento e realização. E em todos os momentos, pode olhar:
 O comércio de bens, serviços e turismo está sempre ao seu lado.
 Trabalhamos para que esses setores sejam fortes e gerem emprego e renda.
 Mas, principalmente, que eles façam a sua vida muito especial.

**CNC. Em todos os
 momentos da sua vida.**

Desjardim, Muito Além do Farol do Fim do Mundo, o terceiro romance de uma trilogia estupenda de Silas Corrêa Leite

Por Maria Lucia M Martins*

Desjardim, Muito Além do Farol do Fim do Mundo é um dos primeiros livros escritos por Silas Corrêa Leite, romance que compõe uma trilogia depois de *O Marceneiro – A Última Tentativa de Cristo* e *Ele Está no Meio de Nós*. Um crime grave cometido, e o meliante fugindo como se querendo voltar ao começo da louca jornada da vida que fez e levou, e fazer tudo diferente. Quando não há uma saída, nada faz a volta ser pacífica. No meio do caminho do desespero, há um palhaço negro vestindo um macacão amarelo, com um botijão de gás nos ombros largos, como um acusador e modificador de roteiro, feito um juiz e salvador no limbo das circunstâncias. Um livro sobre medo, fuga, arrependimento, culpa e castigo, crime e acusação. O que vem para salvar, também pode cobrar seu preço. Voltar para casa, num caminho feito errado, pode ser só um pedido de mãe, e, como diz Henfil, quem tem mãe não tem medo. Essa é aventura de Desjardim.

Silas Corrêa Leite, ao seu estilo diferenciado e peculiar, coloca a alma no que cria em prosa e verso. Nas ficções que elabora, coloca os seus mirabolantes personagens em conflito, radicaliza momentos cruciais, nutre os seres de sonhos loucos, e, ainda, com eles, persegue ideais de recomposição em portentosas trilhas de vida. Zuenir Ventura diz: “a literatura é capaz de criar um personagem que tenha muito mais coerência do que um personagem da vida real, porque ele passa a ser convincente dentro da própria lógica interna da narrativa.” Essa é a ideia deste romance que completa uma trilogia do autor. O autor busca, na cumplicidade do leitor, um jeito todo próprio de tomá-lo pela mão e conduzi-lo pelo prisma diáfano da história, com sangue, suor e lágrimas no mesmo diapasão. Ivan Ângelo diz que escreve para mexer com a cabeça das pessoas. Deve ser esse também o propósito do autor de *Desjardim, Muito Além do Farol do Fim do Mundo*.

James Joyce disse que, às vezes, as pessoas não são pessoas, são rios, matas, anseios humanos, impulsos colhidos num painel arquétipo. Silas Corrêa Leite dá curso a essa ideia, retraduz jornadas a relatar uma realidade substituta, talvez um mundo paralelo, Desjardim, o Farol do Fim do Mundo, ou qualquer outro nome que tenha o próprio desmundo. Uma história que daria um belo filme. João Silvério Trevisan (Balaio de Textos/Oficina Literária do SESC-SP) disse que tudo o que o autor escreve é cênico, filmico.

Neste romance, o destino de um jovem alienado, a apelação da mãe pela sua salvação. “Quem tem mãe não tem medo”, disse Henfil. Então não existe destino? Escolhemos ou somos escolhidos? Que mistério é o triângulo do tempo? Quem nos salvará de nós?

Virginia Wolf diz que a vida atual é feita de trevas impenetráveis que não permitem a visão circunspecta do romance tradicional. Lemos, na obra, as luzes de um estado entre o numinoso e o telúrico, num romance em trânsito em que o personagem principal desconstrói uma vida errada, ergue paulatinamente um novo estar em si (e um caminho muito além de si a partir dessa nova empreita) com revelações, loucuras de percurso, tudo fazendo crer que, sim, o tempo pode parar, o céu pode esperar, afinal, somos o céu e o inferno em nós mesmos.

Desjardim, Muito Além do Farol do Fim do Mundo é quase uma parábola sobre a desvairada condição humana. Então não estamos perdidos, quando temos uma esperança? Sempre há uma chance? Que preço é o fardo inexorável do perdão? Todos serão salvos ou há mesmo um farol, muito além do fim do mundo, feito um desjardim? Um romance sobre desvios de conduta humana, desvão de almas; sobre purgações, fermentos, achadouros, chorumes; o punho de Deus, o algoz de Deus, e, claro, certamente também o enviado de Deus, quem quer que Ele seja. Segundo Luci

McCormick Calkins, “escrever faz com que descubramos e celebremos os padrões que organizam nossa existência”.

Um jovem problemático comete uma infração hedionda e deixa a sua marca fatal de destemperado no local de mais um crime, o pior deles. Começa aí a contagem regressiva de sua estranha e inevitável fuga. Após isso, o desespero atizado move a própria alienação. Que inusitada saída é a louca corrida dentro do que pode ser o labirinto de um espaço inexistente no mundo real, feito uma realidade paralela? Parece que é nesse não lugar, como uma espécie alienada de não ser, que tudo é posto a prova feito uma aventura de percurso. Quem nos salvará de nós, se encontrando conosco mesmo, quando estamos frente a frente com a dura realidade, reestimando erros, falhas; falcaturas de uma senda pregressa e o próprio horror de uma vida inteira errada, e quando, então, tudo é implacavelmente questionado, numa interpelação para lá de inexplicável? Desjardim é o cenário.

Quando estamos em perigo terminal, adrenalina a mil, é que sentimos o apuro de uma verdade conflitada, face ao questionamento da verdadeira coragem. O romance começa com uma tragédia em Sampa. E uma volta para a terra-mãe, Itararé, pode ser uma espécie de refinamento íntimo a partir de nódoas, deszelos, perdas, vertentes alegóricas, psicológicas, medos e alterações do estado de espírito, dentro da fantástica estadia de percurso. E um negro pintado de palhaço, quem é? A encruzilhada carrega desígnios.

Desjardim é de múltiplas linguagens e intertextos. Tem o propósito de auditar uma vida perdida. Não se amarram mais ladrões em árvores. A beira da trilha inominada de cada um sempre haverá a mescla silenciosa de nossas culpas sistematizadas, de resignações neuróticas, de sublimações desviadas, pesadelos e sequelas. Há um circo armado em cada encruzilhada.

Em Desjardim, tudo pode acontecer no curso do caminho em desvario. Sempre estivemos presentes em todo local de nossa existencialização. Somos assim a melhor e a pior testemunha com presença de defesa contra nós mesmos. Perturbados ou sob pressão de estadia, precisamos pensar percursos e rever trajetos. Nada ficará impune para sempre. A volta para casa pode ser a própria casa em que estamos, o lugar nosso de ser e de buscar um sentido.

Parafaseando Mia Couto, “Que lugar em nós é a casa?” Tudo passa pelo fio de navalha do remorso, e todo questionamento é clarificado pela consciência sob pressão; com uma perspectiva de delírio, perseguição, horror e morte, feito uma emergencial mudança da estação. Que lugar, afinal, é o DESJARDIM? Muito além do farol do fim do mundo pode ser qualquer lugar, como qualquer um pode ser posto a prova em juízo de confinamento, jugo e valor. Essa é a ideia deste romance, cujo *leitmotiv* é essa passagem, a travessia; os deslocamentos, retornos (Itararé, sentimentos, consciência, culpa, memórias revisitadas e a angústia-viver); acontecimentos em trânsito (às vezes em pânico), um não ser num não lugar? O mundo de cada um pode acabar num outro mundo. Contextualizando o entorno, você pode não sacar as regras inteiras todas, e vai precisar delas para sobreviver no seu limite, e até arguir em sua legítima defesa infinita e particular; compreender o soro da razão, estimar pesadelos, remoer a ideia da sobrevivência possível.

Que circo armado é o Desjardim da vida? Que acusações pesam contra nós, e só nós, no íntimo, sabemos? Qual é a única saída de emergência inusitada? Quem intercederá por nós? Leia e tente se salvar também. Talvez você invente uma chance. Talvez ainda haja tempo. O enigma da vida passa por teias invisíveis que unem, cruzam, agridem ou agregam, e podem intermediar a nosso favor, ou não. Que lugar você é? A sua cota de culpas está colada em seu enredo existencial, ou você é só um maldito vivo? Vai encarar? A pior loucura é quando não podemos nunca mais fugir de nós, e então só nos resta um lugar qualquer (muito além do farol do fim do mundo), o Desjardim, o que quer que ele realmente ou de surreal seja. Bem-vindo ao seu inferno particular. O martelo ainda não sentenciou ninguém. Corra o risco. Um palhaço numa encruzilhada terreal de sua vida vai esperar você também para o confronto final, e não está longe o seu dia. Em que buraco você vai tentar se esconder?

Desjardim é um *thriller* que usa várias linguagens, mostrando uma vida jovial em paradoxo e tudo o que reconstrói o entorno. O pragmatismo entre o que nos restará ser, depois de tudo o que a vida fez de nós. Um *tour de force* com prisma no fantástico, focando tenebrosos tempos contemporâneos.

Desjardim visita também o encantário, o fantástico; a própria clarificação muito além da selva de pedra da “louca vida” como cantou Cazuzu. Sofrer, um rito de passagem? Talvez Desjardim seja uma fábula sobre o caminho, o horror da vida e até mesmo o próprio amor à vida. Essa é a ideia da história, quase que uma fábula moderna. E um livro assim deve servir como um machado para o mar congelado dentro de nós, como disse Kafka. Mentos abertas, corações abertos. Talvez valha a pena. A madeira torna-se flauta quando é amada.

*Maria Lucia M. Martins é professora e publicitária.

Reflexões nas madrugadas insones

Por José Carlos Gentili*

Os tempos mudaram!
 Arrastamo-nos aos poucos, quase lentamente.
 Começamos a observar melhor o transcorrer dos momentos,
 O valor do esplendor silente da senectude.
 A grandeza das mãos estendidas na oferta das orações.
 Universo das ideias adormecidas.
 Magia pura, docemente, quase fantasmagoria.
 Luzes a faiscar a feitio de pirilampos iluminam as noites.
 As reflexões do ontem vão se esvaindo fugazes, fugidias.
 Os dias de hoje têm mais horas do que os dias de ontem.
 Mera constatação vivencial.
 O que é a vida, senão um relâmpago no céu da memória!
 Descobrimos que somos muitos dentro de nós mesmos.
 Afinal, quem somos nós, então?

*José Carlos Gentili é presidente de honra perpétuo da Academia de Letras de Brasília.

Palavra

Por Peilton Sena*

Por ela o universo foi feito
 Ela transborda e alaga o nosso peito
 E às vezes confunde até o mais culto dos sujeitos

É casa, vulcão de lava
 Ombro amigo, anjo sem asas
 Esconderijo...
 Viva, santa, humana, pecaminosa...

Em verso e prosa
 A Palavra é rosa
 Flor que desabrocha para dentro
 Suavizando dores
 Enfeitando sentimentos

A Palavra é mãe e filha
 Continente, oceano, riacho, ilha...
 Nela me encontro
 Por ela me revelo
 Ela me seduz
 É minha luz, minha paz e minha cruz

Encanta e de repente
 Vira serpente
 Veneno e antídoto
 Enfeitiça, nos atíça a pronúncia-la

Palavra, Palavra, Palavra
 Como não usá-la?
 Por que guardá-la?
 Algemá-la?...

Se nela encontramos motivos
 Para sermos livres
 E leves
 E livros

*Peilton Sena é membro da Academia Santista de Letras e da ALAPG/SP.

Toda teoria tem um Lado PRÁTICO. ESTÁGIO

o lado prático de toda teoria.

Estudante, o CIEE oferece diversas oportunidades para você aprimorar os seus conhecimentos e colocá-los em prática.

Conheça alguns serviços ofertados:

- ▣ PROGRAMAS DE ESTÁGIO
- ▣ PROGRAMAS DE APRENDIZAGEM
- ▣ WORKSHOPS E PALESTRAS
- ▣ CURSOS GRATUITOS (em nosso site)

FAÇA AGORA O SEU CADASTRO !

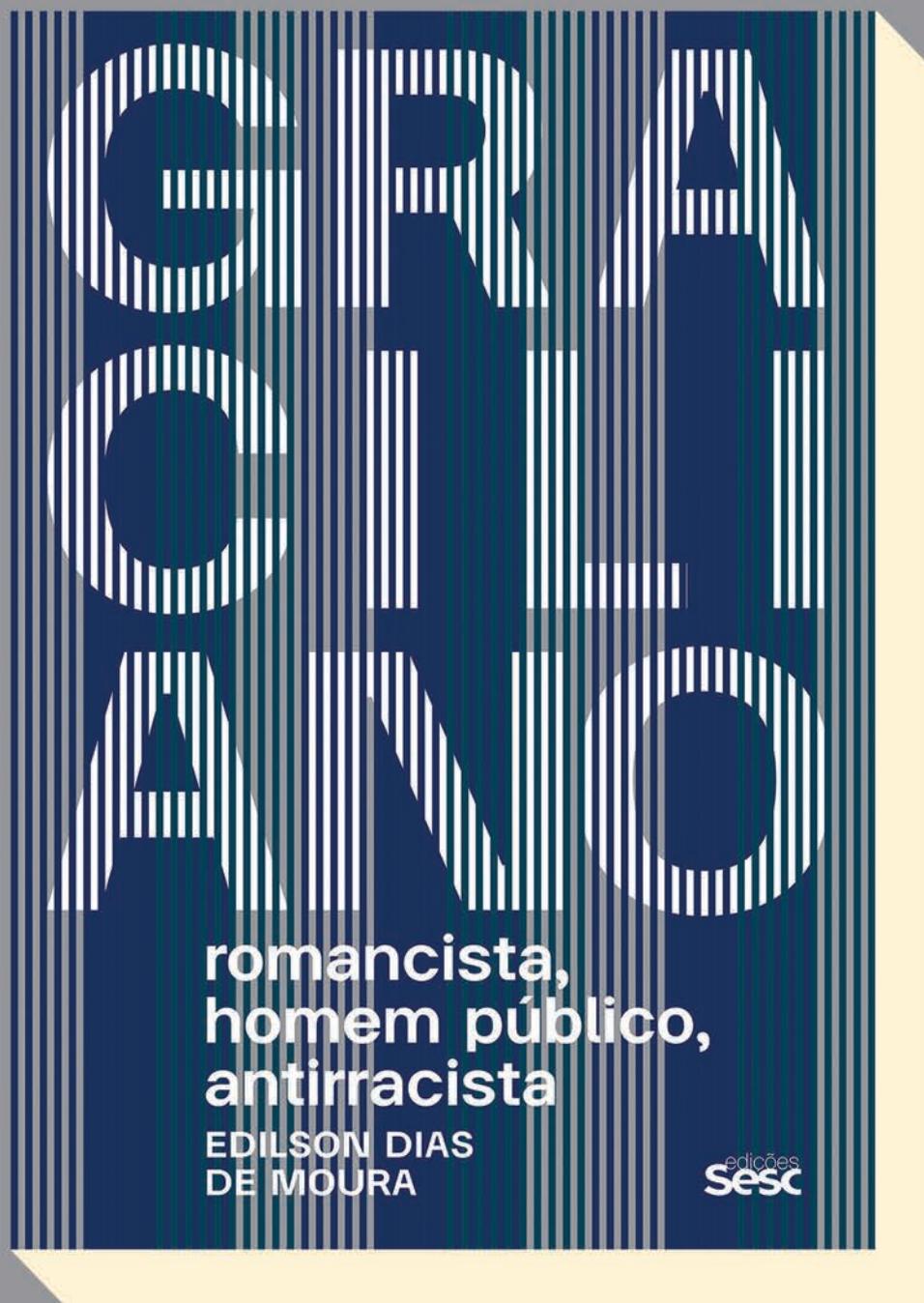
INFORMAÇÕES:
 Disque Estudante
 (21) 3535-4545



Cadastre-se através do site www.ciee.org.br



GRACILIANO: ROMANCISTA, HOMEM PÚBLICO, ANTIRRACISTA



**Lançamento
na Flip 2023**
25/11, 17h
Casa Edições Sesc
Rua da Matriz, 43
Paraty - RJ

Além de grande romancista, o Graciliano Ramos apresentado neste livro foi um administrador de viés progressista, com ações no campo da educação voltadas ao acesso de crianças negras à escola pública, à profissionalização do magistério, à promoção de professoras negras a cargos diretivos e à distribuição de merenda. Essas iniciativas desagradaram muitas pessoas e estão no cerne de sua prisão arbitrária em 1936.

sescsp.org.br/edicoes

 /edicoessescsp

edições
Sesc